

IRAM KÁV SONA GAVIÃO

FESTAS TRADICIONAIS DO POVO IKÓLÓÉHJ GAVIÃO

Ji-Paraná
2015

IRAM KÁV SONA GAVIÃO

FESTAS TRADICIONAIS DO POVO IKÓLÓÉHJ GAVIÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Educação Básica Intercultural na área específica Ciências da Sociedade Intercultural, sob orientação da Professora Mestre Luciana Castro de Paula.

Ji-Paraná
2015

Gavião, Iram Káv Sona

G283f Festas tradicionais do povo Ikólóéhj Gavião / Iram Káv Sona 2015 Gavião; orientadora, Luciana Castro de Paula. -- Ji-Paraná, 2015

61 f. : 30 cm

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural. – Universidade Federal de Rondônia, 2015

Inclui referências

1. Povos indígenas - Rondônia. 2. Povos indígenas – Cultura.
3. Festas dos povos indígenas. I. Paula, Luciana Castro de. II. Universidade Federal de Rondônia. III. Título

CDU 39(811.1)



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

Rua Rio Amazonas, 351, Jardim dos Migrantes, 76900-730, Ji-Paraná/RO – Telefone: (69) 3421-2483

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos trinta e um dias do mês de março do ano de dois mil e quinze, na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, Rondônia, realizou-se a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **IRAM KÁV SONA GAVIÃO**, intitulado **FESTAS TRADICIONAIS DO POVO IKÓLÓÉHJ**. A banca examinadora foi composta pela professora mestre Luciana Castro de Paula (orientadora), professora doutora Josélia Gomes Neves (membro) e professora mestre Lediane Fani Felzke (membro). Os trabalhos foram iniciados às 10:20 horas e, após a apresentação do acadêmico e a arguição pela banca examinadora, o Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado A PROVA DO, com nota 100. Os trabalhos foram encerrados às 13:30 horas e nada mais havendo a tratar lavrou-se a presente ata.

Iram Káv Sona Gavião
Acadêmico

Profa. Ms. Luciana Castro de Paula
Orientadora (UNIR)

Profa. Dra. Josélia Gomes Neves
Membro da Banca Examinadora (UNIR)

Profa. Ms. Lediane Fani Felzke
Membro da Banca Examinadora (IFRO/Ji-Paraná)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu povo,
os Ikólóehj Gavião que sempre fizeram festas
para promover a união e criar laços de amizade,
uns com os outros e com os seres espirituais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Pazov Gorá, pela oportunidade que me deu para vir a este mundo conhecer um pouco da sua obra que ele colocou em cada ser que existe, por ter me guiado durante esse tempo todo para poder chegar até neste dia.

Aos meus pais, que me colocaram neste mundo para somar com a sociedade Ikólóéhj, aos cuidados que eles tiveram comigo desde que eu surgi e até os dias atuais. Agradeço à mãe pelo conselho que ela sempre me dava quando eu saía para o curso. Dizia para mim preocupada: “Filho, vá com cuidado. Não faça outras coisas enquanto estiver estudando, pensa somente no seu estudo!” Ao pai, que me ajudou com este trabalho como meu colaborador. Obrigado pai e a mãe, que Pazov Gorá continue guiando vocês onde estiverem.

Aos meus colegas professores Ikólóéhj, valeu a pena nós dizermos para a universidade que queríamos um curso para os professores indígenas. O resultado da luta está se concretizando. Vamos adiante, não vamos parar por aqui. Abraços.

Aos colegas professores não indígenas que souberam interpretar as nossas reivindicações e levar adiante, para que nosso pedido fosse atendido. À pessoa da professora Edineia que sempre ficou do lado dos indígenas quebrando cabeça. À pessoa da professora Josélia que foi e é intermediária dos povos indígenas. Vocês são fundamentais na nossa luta. Abraços.

À UNIR, que através do seus conselheiros acataram nosso pedido de criar o curso Intercultural, obrigado por nos receberem.

À pessoa do professor Januário que consolidou nosso desejo de fazer curso superior como os demais. Não podemos acreditar e seguir apenas as histórias feitas pelos outros. Eles fizeram do jeito deles e vamos construir o nosso do nosso jeito. Obrigado.

Ao meu querido irmão, Heliton Gavião que marcou sua participação ativa na elaboração da proposta de criação do curso Intercultural e que sempre está presente na luta pela questão dos povos indígenas. Obrigado, você é a nossa referência.

Aos professores do Intercultural, José Joaci Barboza, Maria Lúcia Gomide, Genivaldo Scaramuzza, Reginaldo Nunes, Cristovão Abrantes, Kécio Leite, Edineia Isidoro, João Carlos Gomes e em especial a minha professora orientadora Luciana Castro de Paula, obrigado pela sua paciência. Obrigado por vocês saberem lidar com a diversidade.

Aos meus queridos filhos, Inácio Gavião, Gilson Gavião, Ináya Gavião, Isabele Gavião, Ito Gavião, Ivo Gavião e Iranda Gavião. Obrigado filhos, vocês são fundamentais na minha vida. Deixo na responsabilidade de cada um de vocês continuarem reproduzindo o saber dos nossos ancestrais que são essenciais para preservação da nossa identidade como o povo Ikólóéhj. Beijos e abraços.

Ao meu tio, Moisés Gavião, que se mudou para o mundo espiritual deixando muita saudade comigo. Obrigado tio você foi exemplo para o povo Ikólóéhj.

Ao meu vô, Sorabáh Gavião, que também se mudou para o mundo espiritual deixando muita saudade comigo. Obrigado vô, por ter nos protegido dos perigos que enfrentamos durante esse tempo todo.

A minha colega Lediane que encontrei na hora difícil quando eu estava perdido no caminho de muito desvio. Obrigado por ter me norteado.

RESUMO

Desde a chegada da invasão no continente ameríndio, todas as sociedades originárias sofreram impacto muito grande na sua língua, cultura e religião. Assim também aconteceu com o povo Ikólóehj Gavião. Os não indígenas não só invadiram a sua terra como também invadiram a sua cultura. Por isso o tema “festas tradicionais” é fundamental para mim e para o meu povo entender a importância desta prática como um momento de fortalecimento da união, da reciprocidade, da solidariedade e da harmonia entre seres humanos e também espirituais. O objetivo deste trabalho foi registrar estas festas para levar ao conhecimento das novas gerações Ikólóehj, que não as vivenciaram, e da sociedade não indígena que passou quinhentos anos impondo suas práticas culturais para os povos originários do país chamado Brasil, como se estes povos não tivessem cultura. Para realizar este trabalho fui entrevistando e gravando as explicações das pessoas experientes e dos conhecedores que participaram da realização das festas. Fiz a transcrição destas entrevistas após a gravação. Em seguida, descrevi as festas, lendo e voltando várias vezes para conferir e acrescentar detalhes. Depois fiz a análise refletindo sobre a relação das festas com a organização social Ikólóehj. A festa era o momento em que os seres espirituais marcavam sua presença na comunidade Ikólóehj para se reafirmar como aliados protetores deste povo. As festas eram ocasião de aprendizagens e reprodução dessa prática pelas novas gerações. No entanto, as práticas das festas e da religião tradicional não acontecem mais como antes. Deste modo vão gradativamente desaparecendo. Para que essas práticas não fiquem sem registro foi então preciso escrever sobre elas. Feito este registro acredito que este trabalho também minimiza o preconceito e discriminação que sofremos por parte da sociedade não indígena.

Palavras chave: Povo Gavião Ikólóehj. Ritual. Festa Garpiéhj Née.

VE PÁNÁE XÍXÌRKAE

Gàla ma'áhej volonéh aváne akaj mán pí tér kúnújá à ká tér tádjánéh atá zaréhj ná máhej kóe k_í tátá méne k_í támá vekoj éá méne k_íá méne máh asor_íá. Ènatè Ikólóéhj kaj méne máhá. Á'ò djálaéhj máh takala ma'a tètèá. Ènatè támáh àna té tádjá atá kínáhá méne sorkaá. Èna méne ká ibalàe máh ve párahre gàbi, bàrèhj kaj, tádjáhr ve párahre té ve éhr móhj ná méne tígí pagaj, pabéreábakátàe ná,pagalàe ná garpiéhj tá kínáhá áá. Èna méne ká à ve tìgìv mága ve tá ve ákini óhv táhnéh máhej djáhrá mán ve ná Ikólóéhj kòro kajá. Ènatè djálaéhj áneh kar kávo mi atá méne mi méne tígí atá méne noh zaréhj djánéh atá Brasil ká méhn mán pí tér máhéj kaj tápàre óhv pére mi máhej ná táhjtá máhej kajá. Vàhr ve mágaá màh bere ma'á ve tá tásánéh máhéj pí, ve páj_á táhnéh máhéj piá. È pí ve ma'á òhnéh tápi mán pí màh ve pánáe tìg_íá. Ve tìg_í k_í èpitè ve ákini k_íá màh v_áhr má ve idjálá òhnéh mán ve tìg_íá áá. È pí bó màh òhgóe tá móhj ná Ikólóéhj djánéh gújá atá méne kajá. Ibalàe máh ena garpiéhj djávolonéh amató Ikólóéhj kaj ve mágav tígi mán ve náá. Até tóмага meédjadjáhtá máhej ná kíanáhpoá mán ve náá. Ènatè ve máh Ikólóéhj kòroéhj kóbáe náá. Tádjáhr ve mákie povtígí ve mákiá mán ve náá. Mán ká bó ibalàe k_í Vav_á náe k_íá méne djánéh ave máki kíh mán ve mága avé ve páj_á óhv èna ve djánéh baala méne miá. Èna méne ká ve máaka gújá xìr tè mán koj akonbaá. Èna ve djá ave pánáe tìgìv óhv táá méne ká ve tìgìe máhá. Èna ve áneh avé tìgì méne ká màga vekoj éá pèe sore vea pazánéh djálaéhj pére ká méne té saká akonba xúg áleá áá.

Pagóe pálej: Ikólóéhj. Pò Éhj Kó Pére Ígíe. Garpiéhj Náe.

LISTA DE SIGLAS

FUNAI –	Fundação Nacional do Índio
INCRA –	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
SESAI –	Secretaria Especial de Saúde Indígena
FUNASA –	Fundação Nacional de Saúde
AIS –	Agente indígena de saúde
AISAN –	Agente indígena de saneamento
MEC –	Ministério da Educação
UNIR –	Fundação Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrevista com Zavidjaj Catarino Séhvbiróhv Gavião.....	13
Figura 2 - Vaváh Xípo Ségóhv.....	16
Figura 3 - Liderança Heliton Xijavabáh Gavião.....	17
Figura 4 - Zavidjaj Chiquito Sorabáh Gavião.....	22
Figura 5 - Valtorino Vása Séhv Gavião.....	23
Figura 6 - Entrevistando Xapí Gavião na aldeia Ikólóehj.....	32
Figura 7 - Entrevista com Alberto Padág Gavião.....	34
Figura 8 - Flechas confeccionadas para a festa.....	36
Figura 9 - Rosa Ixía Áhv fazendo bakalı (colar).....	39
Figura 10 - Sena Gavião bebendo ì sòhn em uma das últimas festas.....	41
Figura 11 - Vása Séhv (à esquerda) e Antonio Alía em uma festa realizada em 2005.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 HISTÓRICO DO POVO IKÓLÓÉHJ GAVIÃO.....	14
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	21
3 FESTA DOS GARPIÉHJ NÁE.....	29
3.1 O Significado da festa.....	29
3.2 O Preparo da festa.....	32
3.3 A Realização da festa.....	42
3.4 A Festa e a Organização Social Ikólóéhj.....	51
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
GLOSSÁRIO.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

INTRODUÇÃO

O motivo que me levou a fazer o trabalho de conclusão do curso sobre as festas tradicionais do povo Ikólóéhj foi a redução destas práticas culturais entre meu povo. Outro fator que me levou a fazer este trabalho foi a desunião e o individualismo dentro da aldeia. Percebendo a importância das festas para união do povo Ikólóéhj tive a ideia de pesquisar as festas para entender as bases da organização social do povo. Pois entendo que as festas eram a motivação para o povo se reunir e realizar qualquer outra atividade. Assim o tempo gasto era reduzido e o esforço físico também. Com o passar do tempo o contato com a sociedade envolvente e a interferência da religião importada, essa prática vem sendo desprezada pela comunidade. Assim os vaváhej, os pajés, que eram os condutores das festas e protetores das suas comunidades deixaram de exercer o seu papel dentro da aldeia. Os que eram figuras respeitadas foram colocados como qualquer pessoa simples, sem importância. Atualmente as suas práticas são ignoradas e eles são criticados, humilhados pelas pessoas que pregam o evangelho na aldeia, fazendo com que se envergonhem do próprio trabalho. Assim eles próprios deixaram e desistiram de praticar o seu trabalho. Dessa maneira os jovens e as novas gerações desconhecem as festas e elas correm o risco de desaparecer se não forem retomadas pelo povo.

Realizei minha pesquisa nas aldeias Teleron, Maloca Grande, Ikólóéhj e Cacoal, localizadas ao sul da Terra Indígena Igarapé Lourdes, entrevistando os principais conhecedores das festas que moram nestas aldeias. Eu usei os conhecimentos destes colaboradores porque eles presenciaram e participaram das festas que eu queria descrever. Conte também com informações que tinha na memória a partir de conversas com meu finado avô. A partir das entrevistas percebi que o tempo que eu tinha para concluir a pesquisa era pouco para falar sobre todas as festas e decidi falar somente da festa Garpiéhj Nái que é a mais significativa para o povo, uma vez que é a mais complexa, pois envolve a presença dos seres espirituais, tendo como alguns dos objetivos trazerem mais caças para aldeia e reivindicar o controle do tempo. Além disso, é uma festa que incorpora outras duas festas: festa de derrubada e festa de construção que são realizadas no decorrer da preparação da festa central. Estas duas festas também foram pesquisadas e descritas a seguir.

No primeiro capítulo explico um pouco sobre o histórico do povo Ikólóéhj desde a época em que habitava as margens do Rio Branco, atual Estado do Mato Grosso,

passando pelo processo de demarcação da Terra Indígena Igarapé Lourdes, até os dias atuais.

No segundo capítulo explico sobre como realizei minha pesquisa, a transcrição das entrevistas, o que utilizei no meu texto, as dúvidas e dificuldades enfrentadas e o que mudou no decorrer da pesquisa.

O terceiro capítulo é o mais importante porque possui a descrição da festa e a análise da sua importância para a organização social Ikólóéhj. É a parte central do meu trabalho de conclusão de curso.

Nas considerações finais eu falo da importância da festa para a continuidade da cultura Ikólóéhj e para a reafirmação da identidade do meu povo. Também reflito um pouco sobre o impacto da religião externa na realização da festa.

1 HISTÓRICO DO POVO IKÓLÓÉHJ GAVIÃO¹

Muito antes do contato com os colonizadores que vinham chegando ocupando territórios indígenas, historicamente o povo Ikólóéhj Gavião habitava a margem do Rio Branco no atual Estado de Mato Grosso. Os velhos relatam que de lá que nós viemos fugindo do conflito com outros povos rivais que frequentemente nos atacavam ou por motivo de existir uma pessoa malíssima que aprontava e matava as pessoas de seu próprio povo. Essa pessoa era um homem chamado Tih̄n que matava as pessoas do seu próprio povo neste tempo. E as comunidades resolveram deixar ele, abandonando porque ele assassinava as pessoas da sua comunidade. Este é o primeiro motivo que levaram os Ikólóéhj a abandonar seu primeiro território tradicional até chegar ao território atual. Antigamente o território do povo Ikólóéhj, hoje fazenda, era marcado através de aldeamento, história, mitos, ritos e os vestígios deixados na região durante sua ocupação. Cada grupo ou família formavam suas aldeias para aquela terra pertencer a eles futuramente. Não existia demarcação nessa época. Só sabiam que as aldeias e os locais onde caçavam pertenciam a eles. Então aquela área era seu pertencimento.

O atrito frequente que eles vinham sofrendo por parte dos povos vizinhos levavam eles a abandonar suas aldeias a procura de lugar seguro para o seu povo. Durante este percurso os Ikólóéhj entraram em contato com o povo Vitíguréhj² Arara através dos quais contataram o homem branco, pois estes já tinham conhecido os brancos. O contato aconteceu da seguinte forma:

Segundo depoimento do líder e cacique Gavião Catarino Sebirop o que despertou nos Gavião o interesse pelos brancos foram as ‘marcas diferentes’ encontradas na mata e que seriam de facões: ‘Gavião viu o corte na madeira e quis saber de onde veio este corte’. Para ele foi com este interesse que os Gavião de aproximaram dos Arara (Karo) que, por sua vez, já mantinham contato com seringueiros e caucheiros desde o início do século XX (FELZKE, 2007, p. 30).

Mindlin (2001, p. 207) também registrou este depoimento:

Um Gavião foi caçar, encontrou uma trilha dos Arara [...] voltando da caçada, viu um galho cortado com faca, levou para mostrar para sua comunidade. – Vejam só, encontrei um galho cortado, não é quebrado, é partido com uma coisa estranha. Nunca tinham visto faca. O homem

¹Texto baseado no trabalho escrito para a disciplina Produção de Material Didático no Ensino Médio ministrada pela Professora Maria Lúcia Cereda Gomide em 2014.

² Modo como os Ikólóéhj nomeiam o povo Karo Arara, pois quando viram os Arara pela primeira vez se surpreenderam com a enorme quantidade de batatas que eles produziam. A palavra Vitíguréhj significa batateiros ou povo da batata.

Gavião, chamado Dzaria-ti, chamou os companheiros: - Vamos falar com estes homens, vamos entrar em contato com eles!

Como não tinha mais para onde irem os Ikólóéhj se fixaram para sempre em uma área juntos com os Arara criando laços de amizades entre este povo. Pois a invasão vinha de todos os lados. Os dois povos ficaram sem saída. Para assegurar suas áreas, apesar da chegada dos brancos, os Ikólóéhj conseguiram assegurar sua identidade, sua organização tradicional e com as forças dos espíritos dos seus guerreiros como era costume dos seus ancestrais declararam guerra contra os invasores da sua terra. Conseguiram garantir uma área de 185.533 hectares de terra para os dois povos. Graças às lideranças tradicionais e religiosas os guerreiros tiveram muita coragem para enfrentar os invasores da sua área. A terra Indígena Igarapé Lourdes foi assegurada com muita luta, coragem e sofrimento. Na entrevista, o cacique Séhvbíróhv o principal líder tradicional do povo que estava a frente dessa luta explica como aconteceu a demarcação da terra indígena Igarapé Lourdes: “Foi na época em que Apoená Meireles era administrador da FUNAI em Porto Velho, na época em que o Brígido chefiava o posto indígena Igarapé Lourdes”.

Figura 1 - Entrevista com Zavidjaj Catarino Séhvbíróhv Gavião.



Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Ikólóéhj I. Novembro/2013.

O chefe do posto trouxe notícia que seria realizada a demarcação da área. Logo após chegaram pessoas que trabalharam na demarcação. O chefe do posto pediu que o povo mostrasse as aldeias antigas e o limite da terra onde eles viviam antigamente para

serem demarcadas. Só foram mostradas algumas aldeias mais recentes. As aldeias antigas não foram mostradas. A área só foi demarcada até a nascente de Rio Prainha, Rio Lourdes e Rio Azul até a divisa com Mato Grosso onde nascem estes três rios, enquanto que a terra tradicionalmente ocupada ficou fora da demarcação. A demarcação iniciou-se no ano de 1976 e terminou em 1977. Quando os brancos chegaram a colonizar as terras dos indígenas foi preciso fazer a demarcação. Se não demarcasse, a floresta não existiria. A Terra Indígena Igarapé Lourdes é de 185.533 hectares foi demarcada para os indígenas, e ninguém que é pessoa estranha pode entrar nela. Nessa época os invasores já vinham chegando colonizando as terras indígenas e é por isso que a maior parte da terra do povo Arara e do Ikólóéhj foi perdida. A terra, até a margem do rio Riachuelo, pertencia ao povo Arara. É por isso que foi demarcada para que os brancos não tomassem todas as terras. Foi demarcada para a reprodução física dos povos indígenas e para que eles pudessem usufruir dos recursos necessários para sua sobrevivência, não para exploração. É proibida a exploração, por que a terra é da União. Hoje não há mais saída, não temos mais para onde ir, viveremos para sempre nessa terra que foi demarcada. Depois que foi demarcada, a estrada da fazenda Castanhal passou pelo interior dela, por onde vinham os colonizadores incentivados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Foram invadidos 12 km da terra indígena. Foram formados 40 lotes dos colonos dentro da terra demarcada. Os invasores ficaram vários anos morando na reserva indígena, depois foram despejados pelo cacique juntamente com seus guerreiros, porque a Fundação Nacional do Índio – FUNAI demorava muito para retirá-los. Eram inúmeras famílias que moravam na área indígena. Depois da pressão dos Arara e Ikólóéhj, a FUNAI, o INCRA e a Polícia Federal se responsabilizaram por retirar os invasores. Grande parte deles foi enviada para o município de Machadinho do Oeste.

O cacique fala que quando a área foi invadida fazia espionagem na área e através disso descobriu que realmente a terra estava sendo invadida. Assim vinha fazendo levantamento dos posseiros para descobrir a invasão da área. Ele fala que eles brigaram com ele quando estava fazendo espionagem na área. Não deixou passar e mandaram ele voltar. Ele vinha pelo mato passando pela aldeia dos Arara até onde estavam os invasores. Ele fala que alguns Arara ficaram com raiva dele, não queria que ele retirasse os invasores da terra, porque temiam que eles os matassem. Alguns Arara queriam que os invasores continuassem lá porque os brancos eram “os donos das mercadorias”. Falavam que os brancos davam alimentação para eles, e por isso queriam que continuassem lá. Séhvbíróhv fala que não obedeceu estes Arara. Mesmo assim lutou

pela saída dos brancos porque a terra já estava demarcada e não podia deixar os brancos permanecerem lá. “Só quando viu que os invasores estavam invadindo a sua aldeia, o Noepe Arara me procurou, foi me avisar que os brancos estavam invadindo a aldeia dele. Noepe já tinha apreendido alguns deles”, afirma Séhvbíróhv. Isso aconteceu quando o Apoena era administrador da FUNAI em Porto velho. Então, o cacique avisou o Antoninho que era o chefe do posto naquele tempo que iria fazer guerra com os invasores. O chefe do posto mandou o cacique esperar ele passar o rádio para avisar o Apoena. Quando passou o rádio, Apoena mandou espera-lo chegar a aldeia Igarapé Lourdes em torno de duas horas e trinta minutos. Ele vinha de avião. Quando chegou, ele perguntou o que estava acontecendo. Falaram que iriam matar os invasores da área. Então fizeram emboscada para os brancos. O Apoena acompanhou. Séhvbíróhv contou que:

Foram levados 60 guerreiros Gavião armados, passamos na aldeia dos Arara e fomos até onde estavam os posseiros. Quando foi três horas chegamos lá quando eles estavam roçando mato para fazer a roça. Capturamos e levamos eles amarrados, de olhos fechados, para Aldeia Igarapé Lourdes. Retornamos no mesmo dia. Pusemos na aldeia dos Arara. No outro dia de manhã seguimos a viagem para Aldeia do povo Gavião. (SÉHVBIRÓHV, 2012).

Foram mantidos 20 dias na aldeia, mandados a trabalhar na roça, tomando chicha, praticando a pescaria tradicional conforme a cultura. O Jotão, que era prefeito de Ji-Paraná nessa época, foi lá na Aldeia dos Gavião tentar negociar com cacique para liberar os reféns. Quando chegou, lá, levou uma bordunada na cabeça por um velho guerreiro. Até dois missionários do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) que foi lá quando os índios estavam revoltados, foram mantidos presos pelos Gavião.

Completando 20 dias, o juiz mandou documento pedindo ao cacique para liberar os prisioneiros da aldeia. O Apoena levou o documento para o Zavidjaj (liderança tradicional) dizendo que o juiz iria tirar os invasores da área e falou que eles já estavam no distrito de Nova Colina para realizar a retirada. “Fui até a Nova Colina para ver se era verdade. Chegando lá, vi 70 policiais para fazer a retirada”, afirmou Séhvbíróhv. Logo foram soltos os aprisionados. A retirada foi realizada pelas polícias federal, civil e a FUNAI. Os invasores não queriam sair e foi preciso levar mais 150 guerreiros Ikólóéhj para expulsa-los. Vendo a presença dos guerreiros acreditaram que a terra era realmente dos indígenas e saíram.

Após esses acontecimentos, ainda permaneceram outros invasores, seringalistas teimosos, que moravam na foz do Rio Lourdes que se negava a sair da área e foi preciso

de ajuda de vaváh para retirá-los. O vaváh foi espiritualmente expulsar esses que se negavam a sair. Porém dessa vez tirando a vida desses invasores.

Com o passar dos anos ele revelou o seu segredo cantando:

“Ána mán te éhr padi kùhj akaá? (2x)

Até sagár magaa”. (4x)

Este canto significa: “quem matou nossa velhinha mãe? Existe a pessoa que matou.” Ele cantou referindo a si próprio, se revelando.

Figura 2 - Vaváh Xípo Ségóhv



Fonte: Missão Novas Tribos do Brasil. Aldeia Igarapé Lourdes. S/D.

Após expulsarem os invasores o povo Ikólóéhj ocupou o lugar dos colonos evitando assim nova invasão da área. Mas mesmo assim os invasores vinham querendo ocupar o seu local onde era seu lote. Mas o povo não se intimidou diante deles. Depois com o tempo, eles desistiram de voltar. Essa é uma das histórias de luta pela terra, contada pelo cacique Catarino Séhvbíróhv Gavião.

Como diz a liderança, Heliton Gavião, na sua fala sobre esse território: “Como vou ensinar, contar história do meu povo para os meus filhos e netos, onde ocorreram os fatos. Sem território a história não tem sentido nenhum!”

Figura 3 - Liderança Heliton Xijavabáh Gavião



Fonte: Renata Nóbrega. Humaitá. Outubro/2013.

O último levantamento das aldeias que fizemos com os mais velhos, foram levantadas 27 aldeias que ficaram fora nessa área, apenas 3 estão na Terra Indígena Igarapé Lourdes. Sabemos que as nossas matas, nossas florestas já foram devastadas e inventados títulos para se apropriarem dela. No entanto, enquanto existirmos, continuaremos considerando aquela terra como o nosso pertencimento, pois lá estão as nossas marcas, nosso vestígios, nossas histórias, os túmulos dos nossos guerreiros e os espíritos continuam por lá comprovando que aquela terra é nossa, que o nosso “título” não é inventado, não é papel e sim a terra que foi carimbado com o sangue dos nossos antepassados e que continua viva em nossa memória.

Atualmente somos aproximadamente 840 pessoas³. Na época de contato chegou a reduzir há 90 pessoas, segundo missionários. Falam a língua tupi-mondé e vivem espalhados em 16 aldeias: Ikólóéhj 1, Ikólóéhj 2, Cascalho, Ingazeira, Igarapé Lourdes, Nova Esperança, Cacoal, Tucumã, Maloca Grande, Teleron, Zápè Ádóh, Enoque, Castanheira, José Antônia, Final de Área e Sol Nascente.

Os motivos que levaram nosso povo à redução tão drástica foram epidemia de gripe e sarampo. Os velhos relatam que as pessoas morriam com frequência, uns atrás dos outros. Neste primeiro desafio o órgão responsável pelo atendimento de saúde,

³ Dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI, 2013.

naquela época, foi a FUNAI e posteriormente a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA e atualmente são atendidos pela Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI. São contratados os próprios indígenas como agentes de saúde – AIS e agentes de saneamento – AISAN do seu povo. A própria FUNAI também foi o primeiro órgão responsável pela educação. A FUNAI, naquele tempo, procurava cumprir a política do governo que tinha como objetivo integrar os indígenas à comunhão nacional, assim, entre outras práticas, ensinava-se o português e proibia o uso da língua materna. Posteriormente a educação passou para responsabilidade do Ministério da Educação – MEC que perdura até os dias atuais. Todas as aldeias tem escola e os professores são, em sua maioria, da própria comunidade. Grande parte dos professores se capacita em Licenciatura em Educação Básica Intercultural na Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR para assumirem, também salas do ensino fundamental e médio.

As atividades econômicas praticadas são agricultura, extração vegetal (castanha, copaíba, borracha) caças, pescaria e produção de artesanatos. Além dessas, algumas famílias recebem benefícios de programas de governo, como o bolsa família e aposentadoria.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Quando o professor falava na aula que precisava fazer um trabalho de conclusão de curso, logo pensei nos dois temas que me interessavam: território tradicional Ikólóéhj e a festa tradicional Ikólóéhj. O primeiro tema eu queria descrever devido o povo Ikólóéhj estar no território que não é deles, pois eu desejava levar este conhecimento aos mais novos. Não podia deixar de contar às novas gerações que o nosso território tradicional foi invadido e está hoje ocupado por inúmeras fazendas no lado do Mato Grosso. Depois mudei de ideia e escolhi outro tema que é a festa tradicional Ikólóéhj. Esse tema também era de maior importância para mim, pois trata diretamente da organização social do povo. É através das festas que os Ikólóéhj são e se mantêm organizados e unidos. Percebendo a mudança de organização social do povo Ikólóéhj e preocupado com isso me interessei em fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre esse assunto. Pois a transformação e modificação de hábitos e costumes da cultura vem enfraquecendo o modo de organização tradicional no qual se baseava as festas que o povo realizava. A festa era o momento de encontro e fortalecimento espiritual do povo Ikólóéhj com os seres espirituais, que fortalecia o modo de se organizar Ikólóéhj como um povo.

Para a minha pesquisa foi sugerido, pela minha orientadora, que eu fizesse uma reflexão sobre qual a dimensão do trabalho de campo etnográfico desempenhado por pesquisadores indígenas em suas comunidades. Para isso, fiz leituras de textos de autores considerados clássicos da antropologia como, **Argonautas do Pacífico Ocidental** (1978) de Bronislaw Malinowski, **A Interpretação das Culturas** (1989) de Clifford Geertz, **Antropologia Cultural** de Franz Boas (2010), e também de alguns autores brasileiros como **O trabalho do Antropólogo** de Roberto Cardoso de Oliveira (1989) e **Relativizando: uma introdução à antropologia social** (1987) de Roberto da Matta.

A princípio entendo que o trabalho etnográfico feito pelo próprio pesquisador indígena será muito mais compreensível do que o feito por um não indígena, inclusive para a comunidade indígena, pois tanto o autor quanto o pesquisado falam a mesma língua. Isso facilita a compreensão da fala do colaborador no momento de entrevistar e na transcrição desta fala.

Talvez, o que levavam os pesquisadores a não entenderem claramente a vida de um povo fosse a barreira linguística ou o método que eles usavam, como cito alguns autores aqui: Tylor, Morgan, Frazer no século XIX – conhecidos como antropólogos de gabinete; Malinowski e Franz Boas, no método funcionalista com o modelo da observação participante ou modelo explicativo no início do século XX. As posturas metodológicas daquelas épocas podem ter dificultado o trabalho dos pesquisadores. Outras coisas que levavam os pesquisadores a fazerem os seus trabalhos com algumas ideias errôneas é o modelo da cultura e das sociedades que eles pertenciam, pois ao estudar eles tomavam suas culturas como referência, como se a deles fosse única e mais correta do que a dos outros. Eles não levavam em conta diferenças étnicas e culturais de cada povo. Por isso, mesmo com muitos avanços na teoria antropológica ainda é possível encontrar pensamentos errôneos em relação aos povos indígenas.

Para minimizar essas ideias estereotipadas, é importante que os pesquisadores indígenas desenvolvam suas pesquisas nas suas comunidades, convidando os mais velhos da aldeia que conhecem bem a sua cultura fazendo o registro e levando aos conhecimentos das sociedades como um todo. Assim a cultura dos povos indígenas pode ganhar o reconhecimento na sociedade não indígena. Por outro lado, pode ser que também facilite à nossa comunidade o acesso ao resultado dos trabalhos que é considerado um problema para o povo, ou seja, o retorno da pesquisa.

Roberto da Matta (1987) afirma que o etnógrafo deve transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Para eu encontrar o sentido das festas, já que sou indígena e cresci na cultura *Ikólóéhj*, precisei transformar o familiar em exótico, ou seja, refletir sobre os motivos que levavam os *Ikólóéhj* a realizar as festas e porque elas deixaram de acontecer.

As festas do povo *Ikólóéhj* envolvem questões econômicas, sociais, culturais e religiosas. Por isso ao pesquisar sobre as festas estou tratando da

[...] totalidade de todos os aspectos – social, cultural e psicológico – da comunidade, pois estes aspectos são de tal forma interdependentes que um não pode ser estudado e entendido a não ser levando-se em consideração todos os demais” (MALINOWSKI, 1978, p.11 e 12).

O método etnográfico permite investigar aquilo que está invisível aos olhos, ou seja, refletir sobre aquilo que está por trás das aparências (GEERTZ, 1989). Um exemplo disso é a festa *Garpiéhj Née*. O que aparentemente era uma simples festa para atrair muita caça para perto da aldeia, na verdade, tinha o objetivo de manter viva a ligação e reciprocidade com os seres espirituais.

Para compreender o tema escolhi quatro colaboradores: Alberto Padág Gavião, Chiquito Sorabáh Gavião, Xapí Gavião e Valtorino Vása Séhv Gavião. O fato de ter escolhido essas pessoas foi pelas experiências que eles tinham na realização das festas e sua disponibilidade durante a coleta de dados. São as pessoas que presenciaram e vivenciaram as festas durante suas realizações. No decorrer da transcrição da pesquisa eu também utilizei as entrevistas realizadas com o cacique Séhvbíróhv, com Antônio Alía e com Rosa Ixía Áhv, cedidas pela pesquisadora que está trabalhando atualmente na comunidade. Durante a transcrição das entrevistas fui ouvindo as gravações feitas por ela e aproveitava as informações que tinham relação com o meu tema de pesquisa para usar no meu trabalho. Ao escrever procurei utilizar, como principal fonte de trabalho, as entrevistas feitas com os colaboradores e as demais pessoas da comunidade em uma tentativa de que o meu texto saísse o mais próximo possível da fala e da realidade do povo.

Ao transcrever, fui ouvindo e lembrando a fala dos meus colaboradores procurando escrever o mais próximo possível da fala deles. Não pude me inspirar muito nos escritos dos autores não indígenas, pois não era isso que eu desejava e sim fazer registro das festas que o sabedor da cultura iria me informar. Não há livro que fala especificamente sobre essa festa que escolhi pesquisar, o Garpiéhj Née. Existe o livro *Couro dos Espíritos* (2001) elaborado pela antropóloga Betty Mindlin e narradores indígenas gavião. Apesar de ser um livro muito importante para o registro da história de nosso povo ao valorizar a fala dos indígenas como autores, nele não aparece densamente sobre essa festa, mas aproveitei algumas passagens. Sendo assim, procurei valorizar e usar mais as formas orais dos meus colaboradores do que usar as teorias feitas, muitas vezes, de acordo com concepções etnocêntricas. Pois, para o meu povo, as formas de contar e repassar o saber sempre foi oralmente, e ela é flexível e dinâmica, então escolhi preservar esta forma, ouvindo os colaboradores e aliando isso a memórias minhas, de meu tempo de garoto, em que também foi me passado muito conteúdo oralmente. Como foi citada acima, minha preocupação maior era com a mudança que ocorria na forma de organização social do povo *Ikólóéhj*, a intenção não é somente para elaborar um trabalho de conclusão de curso e obter o título acadêmico, e sim registrar para que as práticas culturais não pereçam mas que fique pelo menos registradas em livro. Como diz Leví-Strauss (1976 apud BERTA, 1989, p. 10) “Por que não perpetuar, mesmo colocando-os somente por escrito, velhos hábitos e costumes que estão de toda forma condenados? Quanto menos lhes prestarmos atenção, mais depressa hão de desaparecer.” Esse desaparecimento também traz impacto na própria existência de um

povo como aconteceram com vários povos nativos do Brasil. O povo sem cultura não tem raiz própria.

Figura 4 - Zavidjaj Chiquito Sorabáh Gavião



Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Ikólóéhj. Abril/2008.

Fiz entrevistas com quatro colaboradores, e destes quatro apenas dois deram certo⁴. Também aproveitei conhecimentos adquiridos no passado em outros momentos de pesquisa⁵. A minha intenção em primeiro momento era fazer descrição das principais festas praticadas pelo povo Ikólóéhj: Festa de Gójánéhj (festa de espíritos das águas), Gov Akae (festa matança de animal de criação), Xipóhléhj Nái (festa de lontras), Pókúhj Nái (festa do fogo), e a Garpiéhj Nái a qual escolhi posteriormente como recorte para este trabalho. O principal colaborador que eu confiava para coleta de dados foi meu vô Chiquito que se foi mesmo antes concluir o meu trabalho. Ele era a principal pessoa que eu confiava, pois era experiente na realização das festas. Infelizmente ele não podia esperar. Eu perdi as duas entrevistas que fiz com ele, pois estava fazendo gravação no celular que não tinha memória suficiente para gravar por muito tempo. Ainda bem que eu tinha guardado na minha memória os dados que ele tinha me passado

⁴ Pois percebi que as informações de Valtorino falavam de outras festas e não daquela que escolhi posteriormente para analisar. E também as de Chiquito Sorabáh que explico mais a frente o motivo.

⁵ Ao acompanhar a pesquisadora e professora Aparecida Augusta da UNIR para o seu doutoramento, fizemos entrevista com meu avô sobre as construções tradicionais, na qual ele relatou as relações destas com as festas.

em outro momento, muito antes de fazer o meu trabalho de conclusão de curso ou fazer faculdade. Então aproveitei estes dados para usar na elaboração do meu trabalho. Além do Chiquito, os outros colaboradores foram escolhidos porque são reconhecidos como grandes conhecedores da cultura Ikólóéhj e participaram das festas na época em que eram realizadas com frequência. Quando fui conversar com eles expliquei que eu estava fazendo um trabalho para conclusão do curso, mas que em primeiro lugar esse trabalho era importante para o próprio povo Ikólóéhj, para deixar registrado as festas que não estão sendo praticadas neste momento.



Figura 5 - Valtorino Vása Séhv Gavião

Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Cacoal. Setembro/2013.

Nas entrevistas perguntei sobre várias festas: festa de derrubada (Bajãe), construção de maloca (Zav Ma'áe), matança de animal de criação (Gov Akae), festa do Gojánéhj, festa do Xipóhléhj Née e principalmente a festa Garpiéhj Née. Assim que entrevistei meus colaboradores percebi que ia ser muito difícil e complexo escrever sobre todas estas festas, como eu pretendia. Decidi então escolher a festa mais significativa para os Ikólóéhj Gavião que é a festa Garpiéhj Née. Ela é mais

significativa porque envolve os seres espirituais do Garpi, o céu. Além disso, era a festa que eu tinha mais informações e envolvia tanto o Bajãe quanto a festa de construção de maloca (Zav Ma'áe).

Enquanto eu conversava com meus colaboradores, eu registrava as falas no celular. Também gravei com gravador e filmei algumas entrevistas. Não cheguei a transcrever todas as entrevistas, apenas a do Alberto Padág. As demais escutei várias vezes enquanto escrevia o texto para lembrar os detalhes.

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira explica em seu livro *O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever*, que “será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se-á da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social” (1998, p.3). Quer dizer, que, ao escrever o que pesquisamos, é neste momento que colocamos tudo o que pensamos sobre aquilo que pesquisamos. O pesquisador escreve certas ideias e palavras procurando explicar mais claro possível sobre o assunto pesquisado para que seja mais compreensível.

Quando comecei a escrever meu trabalho percebi que precisava descrever primeiro as etapas principais que eram feitas antes mesmo da festa vir a ser realizada. Para escrever usei as minhas próprias palavras na maior parte do texto e em outro momento procurei fazer tradução usando a fala dos meus colaboradores, especialmente quando escrevi as canções – estas foram transcritas ao pé da letra. Para fazer tradução fui escutando e “reescutando” várias vezes as gravações procurando o que significava aquela canção. Pois as linguagens dos seres espirituais tem suas particularidades. É outra língua. Após esse trabalho de compreensão e interpretação na língua Ikólóéhj fui passando para a língua portuguesa. Eu decidi fazer a análise do significado da festa para os Ikólóéhj depois de descrevê-la para ficar mais claro para o leitor.

A minha maior dificuldade na hora de fazer o meu trabalho de conclusão de curso foi decidir como ou por onde começar. Não tinha menor ideia como se fazia um trabalho dessa natureza, até que um dia conversando com a pesquisadora que está trabalhando em nossa aldeia, encontrei o caminho de partida. O texto foi sendo escrito, mas muitas vezes eu voltava ao início para acrescentar informações que lembrava mais tarde. Assim, fui retomando a leitura várias vezes para não deixar os detalhes sem registro.

Algo que me preocupava no início era as leituras que eu teria que fazer e como eu iria citar os autores no meu texto, mas conversando com minha orientadora ela me tranquilizou dizendo que eu poderia fazer o trabalho do jeito que eu me sentisse mais à

vontade. Resolvi, no entanto, dar ênfase às informações dos donos da cultura, que podiam me passar informações vivas, ao invés de usar e citar teorias prontas dos não indígenas que muitas vezes colocam suas teorias e seus métodos como única referência e verdade e com isso colocando em segundo plano os saberes das pessoas que podiam ter mais voz e evidência considerando o conhecimento indígena como mais uma fonte também genuína de saber. Então, eu posso dizer, que talvez o meu “método” de trabalhar foi mais ou menos assim: ouvia o mais velho falar na língua materna, eu interpretava na língua materna, e ao ouvir a gravação, memorizava várias vezes, relembro o momento da fala ou a cena da entrevista, “reescutando” na língua materna. Depois disso, traduzia para a língua portuguesa, pensando em português, procurava as palavras que alcançasse o significado, em seguida escrevia o texto em português e o relia várias vezes. Voltava tudo de novo e recomeçava. Quando achava outras palavras tirava umas, acrescentava outras, substituindo. Ou seja, foram processos múltiplos de tradução, interpretação, transcrição e transcrição.

Inicialmente a minha ideia era realizar uma festa tradicional e fazer uma descrição densa dessa festa. Meu trabalho seria sobre isso. Mas como se tornou impossível fazer festa devido a influência da religião externa que tomou o espaço da religião tradicional, tive que me contentar com os relatos dos meus colaboradores. Em abril de 2014 a escola Zavidjaj Xikov Pí Pòhv organizou uma atividade cultural em que os mais velhos ensinaram como as festas eram realizadas antigamente. Mas não pude fazer a descrição destas atividades, pois não podem ser consideradas como a festa verdadeira já que não houve a participação do vaváh, imprescindível na condução da festa verdadeira. A atividade da escola foi apenas uma demonstração de alguns momentos das festas de antigamente: preparação da ì sòhn (chicha azeda), dança com tortoráv (flautas de bambu), cantorias com os mais velhos, pinturas corporais, palestras com os mais velhos.

O fato de não ter conseguido realizar a festa verdadeira neste ano não significa que eu tenha desistido. Este é um projeto que vai além da elaboração do trabalho de conclusão de curso. Ainda tenho o desejo de realizar e registrar outras festas tanto para que estes registros sejam utilizados como material didático na escola quanto para que a comunidade retome uma de suas mais importantes práticas rituais e assim perpetuar o conhecimento das atividades culturais dos Ikólóéhj.

Após a finalização do texto, retornei a um dos colaboradores, Alberto Gavião⁶ para realizar com ele a leitura e verificar possíveis falhas, fazer ajustes necessários e obter a aprovação dele.

Portanto, o que pretendo apresentar nos capítulos que se seguem é um trabalho de pesquisa que tenta ser o mais indígena possível, pautado na língua materna, na oralidade dos mais velhos e na memória viva característica dos povos de tradição oral. Uma abordagem indígena, com o mínimo de interferência de análises não indígenas – se é que isso é possível – em uma, talvez, arriscada aventura que procura encontrar o caminho de ser antropólogo indígena ao mesmo tempo em que se é membro do povo estudado.

⁶ Não foi possível reunir eu, Alberto e Xapí para a leitura final, como era meu desejo, pela dificuldade de acesso e estar no fim do prazo para entregar a versão final.

3 FESTA DOS GARPIÉHJ NÁE

3.1 O Significado da festa

Se eu falar simplesmente Garpináe a palavra fica vazia, refere-se somente ao céu, ao lugar físico, sem seus habitantes. A palavra mais coerente para denominar essa festa seria Garpiéhj Náe, que significa festa dos seres do céu, pois considera os moradores do Garpi (céu), os seres sobrenaturais desse planetas. Os donos espirituais da fauna da natureza que habita o céu.

Nessa festa são convidados os espíritos como: Korkoróh Tih (espírito do gavião), Bebeéhj Tih (espírito dos porcos queixadas), Gorá (Criador, Deus), Bákóhvà Tih (espírito do curuja), Íraláh Tih (espírito do japú), Majakóh Tih (espírito do urubu), entre outros. É o pajé, que nós chamamos de vaváh, junto com Zagapóhj, o seu guia-protetor, que vai convidar os seres espirituais levando informações divulgando essa festa para o Garpi. Eles levam as reivindicações do madjaj, dono da festa, para os seres espirituais do Garpi dizendo que está sendo realizada uma grande festa e muito ì sòhn, chicha azeda para ser consumida durante a festa. E pede doação dos porcos a pedido do madjaj. Em troca os espíritos pedem muito ì sòhn, e quem come carne como o Korkoróh Tih, espírito do Gavião e Gojbíhr Tih, espírito do marimbondo, encomenda muita caça para ele. E na ocasião da festa eles atendem ao convite e vem para festejar. Eles chegam e se apresentam incorporados na figura do vaváh.

O objetivo do Garpiéhj Náe é pedir dos Garpiéhj que eles façam o ano correr bem e ao mesmo tempo solicitar deles que mandem de lá, do Garpi, muitos bebeéhj (porcões), os bebeéhj que eles criam no céu. Sorabáh, um dos mais antigos, falou que o povo Ikólóéhj Gavião, quando ouvia o estrondo de trovão no Garpi acreditava que o ano não correria tão bem. Por isso essa festa era realizada. Para nós o ano corresponde ao início da seca até o início da chuva. Acreditamos que esses espíritos que moram no céu, no Garpi, é que cuidam da natureza e de nós seres humanos, ou seja, do planeta. Portanto essa festa era realizada no início do período seco que corresponde aos meses de maio a outubro. Quando o djókángáv (murici) floresce já é o início do gávo (estação seca). Era assim que os antigos reconheciam quando esta estação chegava.

Esta festa era realizada quando os estrondos de trovão e a chuva se estendiam mais do que o previsto. O povo ficava preocupado que a estação seca não ocorreria tão

bem. Que o ano passaria mais rápido do que de costume. Por isso se fazia a festa, para reivindicar aos Garpiéhj um bom tempo de seca, um bom ano. Por isso as pessoas dialogavam com espírito no momento em que ele estivesse se apresentando incorporado no vaváh, pedindo o bom tempo, saúde e proteção.

Ao mesmo tempo essa festa era uma forma de reivindicar desses seres uma caça farta, especialmente de bebeéhj (porcões). No ocasião de convite da festa, o vaváh levava a reivindicação do dono da festa para os donos das criações (porcos queixadas), os convidados Garpiéhj, e estes ofereciam sua criação (seus animais) para o. Neste momento do convite o vaváh já fazia a encomenda de quais espécies de porcos ele queria. Porém, existe no Garpi o Amóa Tih (espírito do jabuti) que é um imenso jabuti que fica deitado na porta do chiqueiro como um guardião, impedindo que os porcões saiam. Então os porcos que conseguem passar pelo Amóa Tih são aqueles que conseguem chegar aqui na terra e são os mesmos que foram encomendados pelo vaváh. Assim, durante a festa era feita a entrega dessa encomenda para o vaváh na forma de muitas caças atraídas para as proximidades da aldeia.

As escolhas do vaváh na ocasião do convite é importante porque para os Ikólóehj há diferentes espécies de bebeéhj. Existem porcos do Ixía tih, do espírito da pedra, se eles chegam na aldeia e o pessoal flechar, eles não morrem fácil, eles são duros de morrer, portanto essa espécie não será escolhida pelo vaváh. Ainda há os porcos ferozes que é um porcão do espírito Talóder. Essa espécie é muito perigosa, então o vaváh também não deve escolhê-la. Tem uma história que fala que este tipo de espécie foi escolhida pelo vaváh para ser trazida para aldeia. Quando percebeu o bando de porcos chegando, os caçadores foram atrás deles para matar. Aproximando-se deles, eles começaram a atirar. Os porcos não queriam correr, pois eram bravos, ariscos. Em vez de correr, eles vinham para cima dos caçadores para morder. Assim aconteceu com um homem Gavião. Os porcos vieram ataca-lo e morderam sua face e sua garganta. Por isso o vaváh não deve escolher essa espécie. Há o porcão do Bákóhvà Tih, o espírito da coruja, e o do Majakóh Tih, espírito de urubu, estes podem ser escolhidos, pois são mansos, não enfrentam caçadores. Segundo Alberto Padág Gavião, os porcos do Ibíhr TunTun, espírito de pássaros de igarapézinho, são porcos comuns que sempre vemos. São daqui da terra mesmo. Estes podem ser flechados. Há outros mais.

Para essa festa eram erguidos dois postes, o Gáhrà (uma poste representando o feminino e outro o masculino), onde o vaváh amarrava as crianças com fibra de buriti para simular os porcos que ficam no Gáhrà de verdade que existe no Garpi. Estes simbolizavam os animais de criação que existem no céu. Elas ficavam no pé deste poste

durante o tempo que o vaváh dançava com os espíritos. Esse gesto era uma simulação de que o vaváh estava recebendo a criação oferecida pelos Garpiéhj e de que os porcos estarão amarradas no pé deste Gáhrà tais quais as crianças (meninas e meninos) representam.

Durante o ritual executado pelo vaváh, algumas proibições, regras, são impostas ao povo. Uma destas proibições consiste em que as pessoas não devem participar da festa após terem tido relações sexuais. As mulheres que tem crianças pequenas não devem ficar andando livremente nestes dias, pois os espíritos estarão por ali. Se as crianças estiverem andando por ali podem levar choque dos espíritos que pode fazer o mal às crianças. As almas das crianças podem ser sequestradas por eles e pode levar a criança à morte. Só vaváh que pode resgatar a alma e trazer de volta para as pessoas viverem novamente. Outra proibição é a presença das mulheres menstruadas durante a cerimônia, tem que evitar bagunças, brigas e não devem queimar as coisas de mau cheiro que desagradam o espírito que estiver presente naquele momento, para não interromper o zérégòhj dos porcos e evitar desmaio do vaváh, pois neste momento ele está cheio de energia dos espíritos. O zérégòhj é uma linha invisível que interliga o gáhrà do Garpi ao gáhrà da aldeia, é uma espécie de teia invisível onde as criações estão amarradas. Se alguém tocar o vaváh, ele pode levar choque que pode levar ao desmaio ou até a morte se o outro vaváh não estiver por ali. Somente um vaváh pode curar outro quando este leva um choque. Os Garpiéhj não gostam de bagunça e sentir qualquer cheiro que eles desconhecem. Durante o ritual o zérégòhj interliga o vaváh aos Garpiéhj. No entanto é somente o vaváh que vê esta teia. É ela que faz a ligação do vaváh com os Garpiéhj. Caso alguém tenha relações sexuais ou se uma mulher menstruada estiver no meio da festa ou ainda se os participantes da festa dançarem de uma maneira inadequada, essa teia será rompida e o ritual não terá o efeito desejado. É através do zérégòhj que os porcos que foram doados pelos Garpiéhj chegam até a aldeia. Por isso o vaváh recomenda aos caçadores não matarem os porcos antes do término da festa. Os porcos tem que ficar perto da aldeia pra se acostumar com o local. Se os primeiros porcos que chegarem a aldeia forem caçados imediatamente, os demais que estavam se aproximando fogem e o zérégòhj é rompido. É por meio do seu zérégòhj que os porcos vem chegando. Mas se eles percebem que estão sendo caçados exageradamente eles recuam e desistem de se aproximar da aldeia. As crianças amarradas no Gáhrà são um sinal de que os porcos estarão amarrados ali. Por isso eles vem atrás do seu zérégòhj que está ligado no Gáhrà, à procura dessa simulação.

Assim que os porcos são caçados, durante a festa ou posteriormente, os caçadores devem trazer a caça para o vaváh executar o póá (ritual de assoprar fumaça de tabaco) sobre os porcos para evitar que o espírito deste porco faça mal e leve a alma do caçador ou das demais pessoas. É a maneira de afastar a força do espírito para que ela não ataque as pessoas. É um diálogo espiritual com o dono dos porcos, também para que ele mantenha os porcos nas proximidades da aldeia. Este gesto também demonstra respeito pelo vaváh e pelos donos dos porcos que são os Garpiéhj presentes na festa. No caso, se os porcos foram mortos os caçadores devem dar um para o vaváh para pagar o serviço que ele teve de trazer para a aldeia. Pois ele que tomará conta das criações que os criadores tinham que trazer do Garpi, do céu. Os porcos que foram doados ficarão na responsabilidade dele. Ele será o dono destes porcos. Será a referência para eles. Por isso o vaváh avisava as pessoas dizendo que as caças chegarão hoje na aldeia. Encomendava para os caçadores matarem a caça para o povo. Ele já sabia que naquele dia o bando de porcos varava na aldeia.

3.2 O Preparo da festa

Antes de toda e qualquer festa dos Ikólóéhj, a pessoa que será o “dono” precisa ter uma roça grande de ma’eg (milho), xibòjà (mandioca) e mojà (cará). Na época da festa do Garpiéhj Náe, a roça está produzindo mandioca e inhame. Quem vai fazer a festa é uma pessoa que tem condições de oferecer muita bebida, por isso a necessidade de uma roça bem grande. Essa pessoa também possuía experiência e prestígio diante do povo. Ele deve possuir uma boa conduta, respeito e relacionamento harmônico com seu povo. Deve possuir saber e ter conhecimento sobre as festas. Então, quando ele se sentia sozinho, sentia falta e saudade do seu povo, ele convocava a festa como meio, condição para trazer o seu povo para sua presença para lhe visitar. Assim ganhava a confiança e o respeito diante do seu povo. Há o exemplo de duas lideranças tradicionais dos Ikólóéhj, Xikov Pí Pòhv e Sorabáh, que marcaram sua história como lideranças de referência entre seu povo. Suas histórias ficaram como a base para educação dos filhos da sua comunidade.

Primeiramente a pessoa tinha a ideia de realizar a festa no próximo ano, mas não deixava explícita esta ideia. Por isso ele resolvia fazer uma roça bem grande. A roça tinha que ser preparada um ano antecedência. Iniciava roçando a parte mais baixa da floresta e, em seguida, derrubava algumas árvores menores. Deixava a roça pela metade ou as árvores mais grossas, para as pessoas que serão convocadas viessem derrubar,

terminar de cortar as mais grossas que dono tinha deixadas para serem cortadas pelos convidados que vinham participar da derrubada coletiva. Estes trabalhos coletivos são chamados *bajàe*.

Antes de chamar os trabalhadores para a derrubada coletiva, o dono ia gere, ou seja, acampar alguns dias na mata para caçar e conseguir comida para oferecer aos trabalhadores. A caça conseguida durante o gere era consumida no dia da derrubada. Quando voltava da caçada ele convidava as pessoas para realizar a derrubada, ou seja, finalizar a derrubada para ele. Essa pequena festa, de um único dia, recebia um nome, que consistia na árvore a ser derrubada. A festa já era divulgada com esse nome. O dono da roça já convidava as pessoas, dizendo, que estava convidando para cortarem lenha para ele. A lenha de que ele fala são as árvores. O *ì sòhn* também recebia uma denominação. A pessoa que consumia muita chicha, quando ficava embriagado ele tem que inventar sua canção usando nome da chicha. Durante a derrubada, realizada unicamente pelos homens, o dono levava o *ikájà* (chicha doce, sem fermentar) e um pouco do *ì sòhn* para os trabalhadores ficarem animados, mas não embriagados a ponto de provocar acidentes. Assim que terminavam de derrubar, estes se dirigiam até a *zav póhj* (maloca) para fazer uma refeição com a caça que o dono havia conseguido durante o gere para este fim. Neste momento os trabalhadores levavam as folhas de urtiga, varinhas e outras coisas para “bater” nas mulheres, reclamando com elas que era isso que elas precisavam, pois não trabalham, vivem com preguiça de fazer comida para os homens. Mas isso é apenas uma brincadeira, uma simulação, os homens não batem com força.

No momento do almoço, os trabalhadores entravam na maloca e levavam as panelas de comida para o *béréva* (terreiro) para fazer a refeição em conjunto. Depois do almoço, já que o trabalho de derrubada estava pronto, as mulheres ofereciam aos convidados o *ì sòhn*. Aqueles que bebiam em maior quantidade e se embriagavam, passavam a cantar e dançar para o dono da roça. Assim que acabava o *ì sòhn* os convidados voltavam para suas casas. Por ocasião de uma destas derrubadas, a da roça de *Xikov Pí Pòhv*, *Xapí* compôs uma canção:

“Emá Ìhv adíhgùhr xiá papá ága ógajá, ógajá maá. (2x)

Adjáaj papáá óhga égajá maá. (2x)

Àna bó zà bolívéhj xi va póá óhga égajá maá. (2x)

Ì pi koj mán koj bolívéhj xi vaá”. (3x)

Figura 6 - Entrevistando Xapí Gavião na aldeia Ikólóéhj.



Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Ikólóéhj. Novembro/2013.

Esta canção de Xapí nos informa que Xikov Pí Pòhv nomeou o ì sòhn dele de Ìhv Adíhgùhr Xi, (chicha de árvore baixa) na festa de derrubada dele. Xapí cantou esta música falando deste ì sòhn, que o dono da festa, que ele aqui chamou de papá (papai), ofereceu a chicha para ele dizendo: “toma aqui, aqui está seu Ìhv Adíhgùhr Xi”, “cadê papá eu te respondo? Então me dá!” ele disse. Xapí pegou a cuia e falou: “eu tomo esta chicha da mesma maneira que eu tomo o caldo de peixe na minha pescaria rio abaixo”. Esta é uma canção inventada pelo Xapí na festa de derrubada do Xikov Pí Pòhv. Assim acontecia a festa de derrubada do povo Ikólóéhj Gavião. Depois tinha que esperar a sua roça secar, mais ou menos uns três meses para ela secar bem antes de ser queimada.

Depois disso o dono da roça queimava o local para que este recebesse a plantação nos próximos dias. Quando chegava o dia, o dono, ao queimar sua roça, assoviava para que ventasse e a roça se queimasse bem. Pois em uma das histórias Ikólóéhj Gavião fala que antigamente um homem era casado com a urubu-mulher e o seu pai mandava vento para que a roça da sua filha se queimasse bem. Por isso eles acreditavam no urubu para ele mandar vento para queimar suas roças.

Para a plantação, uma nova festa ocorria, nos mesmos moldes da anterior, mas esta atividade chamava-se Ga kajàe (plantação da roça). Depois que as plantações já

estavam grandes, no caso da roça de milho, o dono frequentava o local enquanto o milho crescia. Segundo Alberto Padág

Ele andava e observava sua plantação. Esta atitude tinha como objetivo garantir o crescimento e a produção abundante. É como se o dono alimentasse o milho com sua presença, ‘xíxíxí méne tígí’ (dar de mamar). Quando o milho crescia bem e produzia abundantemente era um sinal de que Goján, o Dono da Água, o doador do milho, estava presente naquela região. (PADÁG, 2013).

Quando o milho já estava produzido o dono deve avisar e convidar as pessoas dizendo que os cocos de babaçu já estavam produzidos. Não podia pronunciar pelo nome, pois era um produto sagrado doado por Goján, espírito da água. Antes de primeira colheita deve oferecer o milho a ele, o primeiro a provar tem que ser ele. Era uma forma de respeito e agradecimento. O dono da roça deve levar as mulheres a roça e mostrar o local de onde elas devem fazer colheita. Não podia consumir a produção sozinho, tem que consumir coletivamente. Durante a colheita não podia colher exageradamente nem desprezar os menores, consumindo apenas os de mais qualidade. Pois o Goján pode se sentir também desprezado e pode nos fazer mal.

O milho e o amendoim poderiam ser colhidos em atividades coletivas em que o dono da roça convidava pessoas para ajudar na colheita. Estas atividades de colheita coletiva, ma’eg māsáe (colheita de milho) e makáhv ígíe (colheita de amendoim), também eram acompanhadas de festa. O milho era armazenado numa casinha, para ser consumido ou para ser plantado no próximo ano.

Assim que a roça já estava produzida, o dono da festa Garpiéhj Née recebia uma primeira visita do vaváh. Nesta visita o anfitrião revelava ao vaváh seu desejo de realizar esta festa. O pajé aprovava a intenção deste homem. Depois de receber esta informação do anfitrião, fazia suas viagens espirituais, junto com Zagapóhj, o seu guia protetor, convidando os Garpiéhj para a festa. Durante esta viagem, ele reivindicava e recebia as encomendas dos Garpiéhj para a festa. “A primeira fala da festa, a abertura, é do wāwā (sic). Faz um discurso, dança com pequenos grupos, anuncia que está partindo para o céu para convidar os garpíi (sic), os homens-espíritos que moram no céu” (MINDLIN et al. 2001, p. 198). Um exemplo destas reivindicações foi informado por Alberto Padág Gavião: “Korkoróh Tih (espírito do gavião) encomenda ao dono da festa que os caçadores devem matar nambus para ele”. Ainda durante esta viagem, outros espíritos falavam com o vaváh e avisavam que desejavam enviar suas criações (seus animais) para o povo. Em seguida, o vaváh fazia uma nova visita e ele levava estas reivindicações dos Garpiéhj ao madjaj, dono da festa. Estes desejavam que alguém fosse

o receptor dos porcos a serem doados. Esta pessoa era exatamente o madjaj. A partir de então se iniciava o processo de preparo da festa propriamente dita.

Figura 7 - Entrevista com Alberto Padág Gavião.



Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Maloca Grande. Novembro de 2013.

O próximo passo do anfitrião era convidar alguém de sua confiança para ser seu parceiro na divulgação. Esta divulgação consistia em convidar as pessoas das aldeias próximas e distantes para participarem do Garpiéhj Nái. O ajudante do madjaj chama-se bapi. É ele quem vai acompanhando o madjaj nas aldeias e convidando as pessoas. Os convidados fazem pedidos ao madjaj em forma de metáfora. Alguém pode pedir, por exemplo, uma panela de sopa, caldo ou outras coisas, dependendo da criatividade ou saber da pessoa que está sendo convidado. O madjaj sabe que ele está se referindo ao *sòhn*. Ao chegar a cada casa, há uma série de cumprimentos informais trocados entre o convidado e o madjaj. Ele vai um por um convidando e informando a sua festa dizendo:

Madjaj: Vîr akùrá ómàló egajá dja papáá.

Convidado: Vîr akùrá té évolo ena ógajá?

Madjaj: Nèmùná ómàló egajá dja papáá.

Convidado: Èna té évolo ógajá.

Madjaj: Alóv ma né pazá égaj nóajá.

Madjaj: Garpi xìhgà xi vè nà pamága éna ále papáá.

Convidado: Garpi xìhgà xi vè nà ále éajá.

Madjaj: Garpi xìhgà xi v àe ná pamága éna áleá.

Madjaj: Govéhj Pòhv kábi pamága éna ále papáá.

Convidado: Govéhj Pòhv kábi té pazá ena ale papáá.

Madjaj: Govéhj pòhv kábi pamága éna áleá.

Madjaj: Mà ìvdòhr mágùrá ále papáá.

Convidado: Emá ìvdòhr mága ále éajá.

Madjaj: Mà ìvdòhr mága áleá.

Convidado: Vemi óhv bó maga kínápoá.

Convidado: Ábóna zà djiéhj par makádéh a'ùhr ma'á áleá.

Convidado: Mán dígi té zà alón kaj kárebáá.

Convidado: Mà alimáo à xi pótóh mága áleá.

Madjaj: Emá alimáo à xi pótóh mága ále éajá.

Convidado: Mà alimáo à xi pótóh mága áleá.

Convidado: Mán xi tóhr tígi bó emága ógaj ibalav ká áleá.

Convidado: À té alón éhr api alàe kakoá mán ká áleá”.

São longos diálogos informais entre os convidados. Só quem sabe, pode levar a conversa adiante. Quem não sabe para logo. Então, o madjaj chega e anuncia ao convidado:

- Vim te convidar para matar caça para mim.

- É isso que você veio me dizer? O convidado responde.

O anfitrião continua: - Sim, vim falar isso para você.

Vai ser em nome de Govéhj Pòhv.

O convidado prossegue:

- Vai ser em nome de Govéhj Pòhv?

- Sim, ele vai respondendo.

- Vai ser consumido Garpi xìhgùr xi nesta festa.

- A gente vai consumir Garpi xìhgà xi nessa ocasião?

E o convidado vai levando a conversa.

E o madjaj encomenda flechas e outros enfeites (artesanato) para o convidado. Este fala que não sabe confeccionar. No caso da flecha ele fala que vai ver ainda, se acha a flecha perdida dos caçadores para levar para ele. É um fingimento. O convidado encomenda a sua chicha para o madjaj, o dono da festa. Pede para ele que faça um caldo ou suco de limão entre outros, para ele tomar na ocasião da festa. Bapi, por sua vez, deve ficar atento aos pedidos dos convidados e lembrar deles quando a festa estiver na realização. Durante a fase de convites eram distribuídas básev pov (tipo de calendário)

para as pessoas convocados para festa. O básev pov era as folhas de babaçu utilizadas como calendário para saber o dia exato da festa. A folha de babaçu era cortada nas nervuras e cada uma representava um dia. Cada uma destas nervuras era retirada assim que cada dia ia se passando. Deste modo, todos saberiam o momento da festa.

Figura 8 - Flechas confeccionadas para a festa.



Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Ikólóehj. Abril/2007.

A mulher do *madjaj* era responsável pela preparação do *ì sòhn*, mas para isso ela escolhia outras mulheres da aldeia para serem *matíhréj* (mulheres que ajudavam na preparação da chicha) para realização da festa. Era ela quem tomava conta deste serviço. O homem *madjaj* com seu *Bapi* (parceiro ajudante) e demais pessoas que ele tinha convidado para ajudar, eram encarregados da coleta de lenha e outros serviços. A bebida começava a ser preparada cerca de vinte ou trinta dias antes da festa, pois ela será consumida pelos homens em outros trabalhos de preparo, como por exemplo, a confecção de pilões para armazenamento de bebida, a confecção de *Javà Tíhg* (bancos pintados) e o *Gáhrà*, tronco onde as crianças simulam os animais de criação dos *Garpiéj*. O *ì sòhn* demora cerca de quatro a cinco dias para fermentar e ficar pronto. Ao final da festa estas mulheres recebiam presentes da dona da festa como colares e pulseiras.

Dentro dos preparativos do *Garpiéj Née* ou em qualquer festa onde a demanda é de receber muito convidados, o dono se preocupava em construir uma nova *zav póhj*,

maloca, próxima a sua moradia, para acolher os convidados da festa e armazenar os akabíh (pilões) cheios de ì sòhn. Esta construção exigia igualmente um trabalho coletivo. Inicialmente era retirada a madeira para levantar a estrutura da maloca, a fibra de envira⁷ e o cipó Turtúhr Tápóh (cipó titica) para as amarrações. Assim que este material estivesse coletado, iniciava-se a construção da estrutura (armação) da maloca. Na sequência tirava-se a pasav sev (palha do babaçu) na floresta. Deixava-a depositada em montes para ser transportada mais tarde até o local da construção. Depois disso, os homens transportavam no ombro até onde a maloca estava sendo construída. Naquele lugar a pasav sev era “aberta”, ou seja, suas fibras eram dobradas para cobrir a estrutura já pronta. Este trabalho levava aproximadamente 20 dias para ser concluído, dependendo do tamanho da maloca. Xapí falou que este e outros trabalhos não eram realizados em silêncio, enquanto levavam a palha para a maloca, os homens iam se expressando gritando “hi, hi, hi, hi”. Este som provocava o ânimo dos trabalhadores e tornava o trabalho menos penoso, pois contribuía para esquecer o cansaço.

Enquanto a maloca estava sendo construída, o vaváh fazia um ritual em que incorporava o Íraláh tìh, espírito do pássaro japu, construtor de ninhos. Neste sentido o vaváh agia como o próprio pássaro. O objetivo deste ritual era proteger os trabalhadores e permitir que o trabalho rendesse satisfatoriamente. Para que a cobertura da casa seja bem feita.

Este trabalho do vaváh é muito importante e deve ser respeitado. Há uma história contada pelo Sorabáh, que um homem brincalhão estava imitando o ritual do vaváh de forma pejorativa. Devido esta sua atitude ele levou choque do espírito e caiu desmaiado. Isso aconteceu porque o Íraláh Tìh incorporado no vaváh sentiu-se desrespeitado e o homem foi castigado por não acreditar no poder deste espírito.

Esta construção também exigia uma festa, a Zav Ma'áe. Houve, tempos atrás, uma festa muito famosa de construção de maloca cujo dono era Xikov Pí Pòhv. Ele divulgou esta festa com o nome de Pasav Kókúhv ígí áleá (será retirada a “língua da folha” de babaçu). Depois da realização da festa, esta aldeia foi chamada de Pasav Kókúhv Váh que se localizava na Serra da Providência. Xapí Gavião contou que participou desta festa e que naquela oportunidade os convidados trabalharam até de noite para concluir a obra. Como é costume entre os Ikólóéhj, que são exímios compositores, Xapí compôs uma canção especialmente para aquele momento.

Á'ò turtúhr mága ále akere áleá (2x).

⁷ A envira, chamada díbè pelos Ikólóéhj, é uma entrecasca de árvore altamente resistente, usada para amarrações.

Avíjé koj tè díbáh mágaá (3x).

Esta canção quer dizer que Turtúhr (ser mitológico) não está dormindo, que díbáh (um inseto) está incessantemente se banhando, ou seja, esta canção revela, através de metáforas, que durante esta construção, Xapí trabalhou tanto que não conseguiu dormir até que a maloca de Xikov Pí Pòhv ficasse pronta.

Esta festa de construção de maloca rendeu outra canção deste compositor Ikólóéhj. Na língua Gavião, esta música é cantada assim:

“Palí zevpè kùhj ma’á téré kára bó ní zevpè kùhj ma’áhej máh ena ógaj énaá.
(2x)

Méne ká bó màh zevpè kùhj ma’áhej pére mi zevpè kùhj ma’á téré káre, ma’á téré káraá. (2x)

Èna támáh éna ógaj énaá. (2x)

Que diz o seguinte: Eles me pediram: ‘vamos terminar de construir um velho tapiri ainda’. Assim os construtores me pediram. eu fui lá fazer como eles, construir o tapiri velho até terminar”.

O fato de Xapí compor duas canções por ocasião da construção de uma maloca demonstra o quão importante é esta atividade para o povo Ikólóéhj, não apenas como preparo para a festa do Garpiéhj Née, mas também, como foi no caso da Pasav Kókúhv ígí áleá, quando a construção se limita a erguer uma nova moradia para a família do anfitrião. Além destas músicas, Rosa Ixía Áhv, lembrou uma canção que foi entoada naquela festa:

Bó banov ðih máh ále ejáv ma’á áleá bó té zà égaj abójá.

Bó banov ðih máh ále ejáv ma’á áleá bó té zà égaj abójá”.

Esta canção diz o seguinte:

“O pássaro grande já construiu seu abrigo.

Eu posso te falar meu amigo”.

Figura 9 - Rosa Ixía Áhv fazendo bakali (colar).



Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Ikólóehj. Outubro/2013.

Retornemos então aos preparativos do Garpiéhj Née.

Assim que a maloca estivesse concluída era o momento de se preocupar com os pilões. Os convidados então procuravam na mata os pés de ipê que eram derrubados para a confecção dos pilões onde o ì sòhn era armazenado. Cada tora de ipê cortada era trazida até a maloca onde os homens iniciavam o processo de perfuração da parte interna do tronco utilizando-se, para isso, de fogo. À medida que o fogo ia queimando o centro da tora, os homens raspavam a parte queimada e assim a cavidade do pilão ia se formando. Vários pilões eram fabricados desta maneira podendo chegar até vinte, a depender do tempo de duração previsto para a festa. Além destes pilões, a chicha era armazenada em tagáhv, troncos de sumaúma cortados horizontalmente. Depois de todos estes preparativos restava preparar e encher estes recipientes de ì sòhn.

Mas ainda faltam alguns detalhes. Além destes preparativos, os homens buscavam madeira na floresta para confeccionar o Gáhrà formado por dois troncos, representando um homem e uma mulher; e o Javà Tíhg (banco pintado). Estes artefatos eram instalados tanto fora quanto dentro da maloca. Um barbante, uma linha de algodão ligava o Gáhrà colocado em frente à maloca ao outro Gáhrà que se localizava

no interior da maloca. Por esta linha (zérégòhj) que os porcos, em forma espiritual, entravam na maloca, pois a linha representava o caminho para eles. O Javà Tíhg também pode ser denominado Nekó Tíhg porque ele é feito em forma de onça. É confeccionado sobre quatro pés e é colocada uma vara em forma de rabo. É pintado com a tinta de jenipapo, através da qual ele adquire o formato de onça pintada. O Gáhrà, por sua vez, era pintado com os mesmos motivos das pinturas corporais e cocares eram colocados no seu topo.

3.3 A Realização da festa

Enquanto a festa estava sendo preparada, durante este tempo que foi descrito até agora, cada aldeia ou quaisquer pessoas que estavam interessadas em tomar i (chicha), iria até a casa do madjaj para tomar ì sòhn. Isso é chamado de táhná, ou seja, uma pequena festa que ocorre durante a preparação da grande festa. No processo de preparação aconteciam várias táhná, pois é o momento de alegria para o povo. Quando o pessoal se aproximava da aldeia, eles vinham assoviando, pedindo a chicha. O dono da festa tinha que estar alerta em todo momento para receber as pessoas que chegavam, para poder servir o ì sòhn, para os táhná máhej (as pessoas que antecipavam a festa). Estes visitantes traziam os galhos para “baterem” e as folhas de urtiga para passar nas mulheres. Eles simulavam reclamações e exigiam que elas trabalhassem bastante pra fazer alimentos e produzir muito ì sòhn. Quando o pessoal chegava na maloca, as mulheres e o dono da festa ficavam em pé próximo do pilão esperando eles chegarem e seguravam os visitantes que chegavam “batendo” e obrigavam eles a tomar a chicha. Isso era uma forma de pedir a chicha. O objetivo de passar urtiga era exatamente para que as mulheres segurassem seus braços e fizessem o visitante tomar o ì sòhn. Ele tem que por o ì sòhn para fora, vomitar, para aguentar, pois quem não vomita, logo fica bêbado. O visitante só era liberado quando ele já estava quase embriagado. Bebiam até se embriagar e começavam a cantar. Por ocasião de uma festa de Garpiéhj Née realizada por Sorabáh na qual ele denominou a sua chicha de Garpi Xihgà Xi, durante um táhná, o Chico Iracema havia criado uma música e cantou para o Sorabáh, o qual era o anfitrião desta festa:

Ána mán té volo éna pamá ì va ànaá ózerar máh ógajá (2x).

Òndè màló memá ì va kíá (3x).

Garpi Xihgà Xi óhj kázér máki ózerar máh ógajá (2x).”

Òndè màló Garpi Xihgà Xi vaá (3x).

Esta canção está falando o seguinte:

Meu tio falou: ‘Quem é esse homem que veio tomar nossa chicha?’

Eu mesmo que vim tomar a chicha de vocês novamente.

Meu tio confundiu que eu era uma das pessoas que vinham tomar a chicha de Garpi Xìhgà Xi.

Eu mesmo que vim tomar chicha de Garpi Xìhgà Xi.

Figura 10 - Sena Gavião bebendo ì sòhn em uma das últimas festas.



Créditos: Lediane Fani Felzke. Aldeia Ikólóéhj. Abril/2007.

Uma outra música criada pelo Xapí durante táhná no decorrer de preparação desta mesma festa foi a seguinte:

Vìr vùr zàka náapó Garpi Xìhgùr Xi pí báá màh àna kázérá abójá (2x)

Jáábí màh ovolo náapó Garpi Xìhgùr Xi v àe m á t é r é t á ovolo kázérá abójá (2x)

È koj tér káreá ovoloá né abójá (2x)

Ógerépa né màh màh ovoloá (3x)

Xapí cantou dizendo:

Resolvi vim tomar minha chicha de Garpi Xìhgùr Xi, meu amigo.

Vinha de lá animado para tomada da chicha de Garpi Xìhgùr Xi, meu amigo.

Estava vindo de longe, resistindo para poder chegar. Vinha pousando e dormindo.

Depois que ocorreram várias táhná e os convidados estivessem todos preparados, a festa chegava ao seu auge. Os enfeites como cocares, colares, pulseiras, flechas, arcos e outros artesanatos que servem como utilidade para os Ikólóéhj já tinham que estar todos confeccionados. O madjaj e seu bapi partiam para fazer último aviso para o povo, dizendo que ele estava encerrando o que se desejava fazer, a festa. Esse último aviso acontecia com três ou quatro dias de antecedência. Os convidados tinham que se deslocar um ou dois dias antes para chegar à festa na data combinada. Dependia da distância da localidade.

Antes de sair da sua aldeia as pessoas se enfeitavam com pinturas corporais feitas com jenipapo. Cada desenho representa um animal e tem um nome próprio. A pintura do jabuti é chamada amóa sábéh porque reproduz o desenho do casco do jabuti. O mazòhj reproduz o casco do tatu. A cobra bico de jaca é representada pelo bajkerev tìgìv. Atualmente não há restrição sobre quem pode pintar, mas antigamente apenas os homens podiam pintar os homens e as mulheres pintavam umas as outras.

Quando as pessoas de várias aldeias se encontravam era o momento de encontro e de alegria para os Ikólóéhj. O diálogo de desejar boas vindas e de cumprimentos ocorre de uma forma carinhosa e respeitosa pelas pessoas de diferentes aldeias. Principalmente pelo anfitrião da festa. Quando todos os convidados já estiverem presentes na festa, na noite de penúltimo dia acontece abertura final do evento. Nas noites anteriores que a festa vinha sendo realizada, o vāváh já vinha fazendo rituais com os Pò éhj Tìh, os espíritos dos bichos, animais, os que chamamos também de Garpiéhj, seres do céu. No auge da festa, o último dia, o vāváh reunia as pessoas para realizar a festa tão esperada. As pessoas traziam magàhj (as caças moqueadas) que também chamamos de bòhl, a palavra mais usada neste ocasião, que foram encomendadas pelos espíritos convidados. Para esse evento eram caçados todos os tipos de animais para ser consumidos na festa pelas pessoas das aldeias e pelos seres espirituais das aldeias do céu. Eles traziam o bòhl até ao bekáh que é o local provisório onde os convidados se arrumavam para a festa. Neste local reforçavam a pintura corporal daqueles que já saíram pintados de suas aldeias e pintavam os que ainda não estavam enfeitados. Arrumavam os cocares, colares atravessados no peito e amarravam íbaj séhv (palha de buriti) no peito, nas pernas e nos braços. Os homens amarravam nepoáhv (fibras de cipó) nos braços onde inseriam as penas vermelhas de arara. Homens e mulheres também se pintavam com urucum para que os Tìh (espíritos) convidados da festa não lhes fizessem mal. O urucum é uma espécie de repelente que impedem os espíritos de se

aproximarem das pessoas. Enquanto os convidados estiverem se arrumando o madjaj tinha que ficar levando ì sòhn para eles no bekáh.

O vaváh ia até esse local, que ficava aproximadamente uns 500, 600 metros da aldeia, para receber bòhl, caças moqueadas, dos caçadores. Ele levava a flecha e, ia apontando, cantado e dançando no caminho. Junto com ele, ia o madjaj e as pessoas que ajudavam na preparação. As mulheres e os homens levavam seus ado (paneiros) onde colocavam as carnes moqueadas. O vaváh ia recebendo as caças dos caçadores e repassando para o madjaj, este por sua vez passava para os seus ajudantes que estavam com panheiro. Quando realizavam o ritual de receber as caças moqueadas dos caçadores o vaváh ia incorporado com Korkoróh Tih por quem foi encomendada essas caças. Ele ia recebendo de um por um, cantando:

Té en pavír tér dji aka basájéhj ádji pí boráhr kòhv,

Òhdjáv vúhg vúhg, vúhg vúhgáá.

Òhdjáv póhràhr kòhv òhdjáv póhràhr kòhv òhdjáv póhràhr kòhv boráhréhjá.

Àna màh padi kùhj tágabá dje kígarpoá òhdjáv póhràhr kòhv boráhréhjá.

djèna emága bosóréhj ádji kaj pabóhràhr vexorka óhv kíáleá òhdjáv póhràhr kòhv boráhréhjá.

A música diz:

Você matou o alimento,

A caça do macaco- prego?

O pó da sorte da minha flecha,

A minha flecha voa fazendo barulho.

Assim faço a nossa velhinha mãe viver cansada,

Os caçadores das sortes, matando muita caça.

Você pode ser igual a mim, o pó da sorte da minha flecha,

Os caçadores das sortes.

Assim você não deve estragar a nossa sorte com as feiosas (mulheres)

O pó da sorte da minha flecha,

Os caçadores da sorte. (2x)

Depois de ter recebido toda caça, elas eram levadas para a maloca. Essa caça era cozida ou pilada para ser servida. Depois de cozida, era consumida no ritual que o vaváh fazia com Boráhr Tih (espírito das plantas da sorte) e com Bebeéhj Tih (espírito das queixadas). Enquanto cantava, ele ia jogando a carne para os caçadores para lhes darem sorte. Estes faziam uma fila em frente ao vaváh e ele ia jogando pedaços de carne em direção aos caçadores. O caçador deveria pegar a carne. Caso ele não pegasse

significava que ele acabou com a sua sorte. Este “não pegar” o pedaço de carne atirada pelo *vaváh* também significava que este caçador havia tido relações sexuais que acabavam com a sorte desta pessoa. Os *Ikólóéhj* acreditam que mexer com a mulher dá azar nos homens. As caças não chegam perto deste tipo de pessoas ou ele não consegue acertar nos animais. Por isso, os caçadores viviam todo tempo usando *boráhr* para ter sorte nas caçadas. Então, no dia do *Garpiéhj Née* o *Boráhr Tih* chega para avaliar e repassar a sorte para os caçadores. Um por um, ele ia atirando e cantando:

Té en pavír tér dji aka basájéhj ádji pí boráhr kòhv,

Òhdjáv vúhg vúhg, vúhg vúhgáá.

Òhdjáv póhràhr kòhv òhdjáv póhràhr kòhv òhdjáv póhràhr kòhv boráhréhjá.

Àna màh padi kùhj tágabá dje kígarpoá òhdjáv póhràhr kòhv boráhréhjá.

Àtér ozá áleá óhdjáv póhràhr kòhv boráhréhjá.

Vio, àbéá dja boráhr kòhvá,

djèna emága bosóréhj ádji kaj pabóhràhr vexorka óhv kíáleá òhdjáv póhràhr kòhv boráhréhjá.

Perguntando para o caçador, a música diz:

Você matou o alimento,

A caça do macaco- prego?

O pó da sorte da minha flecha,

A minha flecha voa fazendo barulho.

Assim faço, a nossa velhinha mãe viver cansada,

Os caçadores das sortes, matando muita caça.

Você pode ser igual a mim, o pó da sorte da minha flecha,

Os caçadores das sortes.

Já vou começar a jogar, o pó da sorte da minha flecha⁸.

Parabéns, caçadores de sorte,

Pela sorte,

Assim você não deve estragar a nossa sorte com as feiosas (mulheres)

O pó da sorte da minha flecha,

Os caçadores da sorte. (2x)

Quando o caçador não consegue pegar, ele fala que já estragou a sorte dele com as feiosas, maneira que *Boráhr Tih* se refere as mulheres.

⁸ Neste momento o *vaváh* lança a carne e os caçadores de sorte tem q pegar.

É a mesma música que transcrevemos acima no momento de receber a caça. Só muda o momento em que ele realiza o ritual de lançar os pedaços de carne para os caçadores.

Quando chegava a vez do Bebeéhj Tìh, espírito dos porcos queixadas, era feito Magòhv, carne pilada. Mas este Magòhv só podia ser feito de vajáhej, nambus. Este era consumido pelo Bebeéhj Tìh, que estava incorporado em vaváh. Ele dança e canta com ele:

À koj táhná béá (2x)

Qzoriv váh koj táhná béá,

óvolov pé kòhv pé kòhv

óvolov pé kòhv pé kòhv dígí dígí dígíjáá.

Ele canta falando da sua vinda para tomar a chicha. A música diz:

Para cá vim tomar chicha.

No lugar que me perdi.

A poeira da minha estrada,

Que vim andando”

A chicha dele tem que ser madaborà (chicha sem coar), feita de mojà (cará). Não deve ser azeda, fermentada. Durante o momento que o vaváh estava realizando ritual era oferecida madaborà para ele. Ele tem que tomar e comer da maneira que os porcos comem, imitando o barulho, pois estava incorporado com seu espírito. Em seguida, era oferecida para o povo. Todos consumiam. A mesma forma que ele fazia ritual com os demais seres espirituais, também ele praticava com Bebeéhj Tìh. Há também flautas próprias dos Bebeéhj, que são tocadas pelos dançarinos na ocasião em que os Bebeéhj estão sendo alimentados. Existe música exclusiva deles que é tocada com estes instrumentos. São três flautas em diferentes tamanhos. Cada um com som diferente. Existe Ávádúhr, Ávbír e Ávti’à. Ávádúhr na língua Ikólóéhj significa cabeça das flautas, como se fosse a primeira voz, a que puxa as demais, Ávbír significa flauta do meio, como se fosse a segunda voz; e Ávti’à significa última flauta que segue as primeiras. Cada uma destas flautas vai respondendo uma a outra e assim vão cantando a música do bebeéhj. Enquanto elas vão sendo tocadas os demais dançarinos vão dançando atrás deles batendo os pés. Quando vaváh sentia a chegada do novo visitante (Tìh) ele anunciava aos dançarinos e a dança com as flautas parava.

A festa continuava com apresentação dos outros seres espirituais convidados. O vaváh se dirigia até o pé do Gáhrà e recebiam os Garpiéhj. Era um de cada vez. Ele cantava e dançava com o espírito que ele recebia. O Gáhrà consiste em dois troncos

ornamentados com pinturas corporais, colocados para simbolizar o que existe no Garpi (céu). No Garpi existe um lugar chamado Ixía Népo Tóhr, aldeia dos Olixixiaej, homens espíritos. No Ixía Népo Tóhr é onde o Gáhrà está. Ele é uma referência para os seres espirituais do céu que chegam à festa. É dele que parte o zérégòhj, a linha ou o caminho invisível que liga o Gáhrà do Garpi até o Gáhrà localizado aqui na terra. É pelo zérégòhj que os Garpiéhj descem aqui na terra. No momento em que está incorporando com os espíritos no seu corpo, o vaváh tem que estar acompanhado com Zagapóhj, o seu guia protetor, para receber os espíritos. O Zagapóhj o protege da força de outro espírito que estará incorporando nele. Outro parceiro do vaváh também tem que estar do lado dele soprando a fumaça do máxo (cigarro) para quem está recebendo o espírito convidado. Desta maneira esse vaváh fica protegido da força ou do choque espiritual.

O madjaj pedia para o vaváh receber os espíritos com cuidado. O ser invisível era recebido e incorporado no vaváh. A força do espírito fazia o vaváh tremer e se emocionar. Então ele passava a cantar com a voz emocionada. Nesse momento todos os dançarinos, pessoas da comunidade, acompanhavam vaváh, dançavam e cantavam com ele. Enquanto ele estava incorporado com espírito, ninguém podia tocá-lo. As pessoas tinham que dançar um pouco afastados dele. Os dançarinos faziam um círculo em torno dele para dançar. Se alguém tocasse nele, desmaiaria, pois o espírito do Garpiéhj que está incorporado nele não gosta de ser tocado. Ele é um ser espiritual intocável. Por isso o pessoal tinha que respeitar, não podia dançar de qualquer maneira. Depois que terminava de dançar com um espírito, o vaváh ia novamente ao Gáhrà para receber outro espírito que chegava a festa. Voltava a dançar novamente com novo visitante. Os visitantes (espíritos) eram recebidos um por um. A festa que já vinha acontecendo há dias era finalizada nessa noite onde o vaváh recebiam todos os espíritos convidados. Nesse dia é que eram jogados os pedaços de carne para os caçadores, como já falamos acima. Era forma de dar sorte para as pessoas. No momento em que era atirada a carne para as pessoas era o Boráhr Tìh (espírito das ervas da sorte) que estava incorporado no vaváh, ia avaliando e dando sorte.

Quando chegava a vez de receber o Majakóh Tìh (espírito do urubu rei), este ia até o madjaj cantando e perguntando: “Cadê? Onde está a onça pintada?”. O madjaj respondia: “Está aqui sua onça pintada” e mostrava o Javà Tìhg ou Nekó Tìhg, o banco pintado para ele. O Majakóh incorporado no vaváh falava que ia subir em cima dele. O vaváh subia em cima do banco e ia cantando e dançando incorporado com Majakóh:

Mà gáràhj boja (4x)

vóhv vóhváá. (2x)

Àna màh mà gáràhj péténa
 òhbéa sáhrá saréhndáá
 mà gáràhj boja mà gáràhj boja
 vóhv vóhváá.

A música diz:

Fico voando no calor do sol,
 Batendo minhas asas,
 Virando e flutuando
 Assim fico virando e abaixando no calor do meu sol.
 Passo voando e voando.

Ele é o primeiro a comparecer na abertura da festa. Sua alimentação preferida são os bichinhos da massa de milho que as mulheres ao fazer a chicha de milho vão colhendo e amontoando no terreiro exclusivo para isso. Quando chega o dia de apresentação do Majakóh, os bichinhos são catados pelas mulheres e preparados para oferecer a ele.

Depois dançava com os dançarinos da festa, da mesma forma como ele dançará incorporado com os demais Garpiéhj. O vaváh solicitava dos Garpiéhj seus animais de criação. Quando ele dançava com cada um dos espíritos ele pegava as crianças e amarravam no pé do Gáhrà para simular os animais de criação que existem no Garpi. As crianças, por sua vez, imitavam os porcos grunhindo, enquanto estiverem amarradas no pé do Gáhrà. E ficavam deste jeito até o final de ritual com os espíritos. Antes de partida do espírito, o madjaj pedia que ele deixasse os porcos aqui na terra, na aldeia para ele. O vaváh avisava o madjaj, para ele tratar os porcos com cuidado, pois eles eram ariscos, qualquer coisa eles iriam embora retornando para o Garpi.

Outro ser espírito dos Garpiéhj que vem à festa é o Bákóhvà Tìh (espírito da coruja). Este é um espírito namorador, que gosta muito das mulheres. Quando ele chegava à festa ele pedia para o madjaj mandar as mulheres dançar com ele. Elas iam fazendo fila segurando nos braços dele, mais ou menos uma dez de cada lado. E dançavam cantando:

Ixía tóhrtáá ixía tóhrtáá ixía tóhrtá tóhrtáá (2x)
 Garpi ká páv páv ixía mágójójà ixía mágójójà gojojàá (2x)
 Ixía tóhrtá ixía tóhrtá ixía mágójójà gojojàá.

Ele canta dizendo que anda subindo e descendo sobre a pedra. Ele nem sente o peso das mulheres, conseguia puxar todas elas. Os demais dançarinos ficavam dançando

ao redor, mas sem tocar no Bákóhvà Tìh que está visitando a festa, incorporado no vaváh.

Em outro momento era consumido pelo Bebeéhj Tìh (espírito dos porcos) a carne pilada. O vaváh alimentava o Bebeéhj Tìh através do seu próprio corpo. Durante esse ritual com os espíritos, apareciam muitas queixadas nas proximidades da aldeia. Pois estas eram doadas pelos Garpiéhj a pedido do vaváh e do madjaj. O primeiro bando de porcos que chegava à aldeia não poderia ser caçado. Era isso que o vaváh pedia. Era preciso primeiro que estes porcos se acostumassem perto da aldeia. Depois que eles se acostumavam é que eles podiam ser caçados e trazidos diante do vaváh para ele fazer o póá, ritual de sopro usado com fumaça de máxo (cigarro). Isso era para o Bebeéhj Tìh não pegar a alma dos caçadores. Era para livrarem e protegerem as pessoas. Ele fumava e cantava tremendo emocionadamente com espírito incorporado nele. As pessoas pedem que ele chegue bem na aldeia para lhe visitar. Falam que estão precisando de caças e gostariam que ele deixasse a caças para eles na aldeia.

Para os Ikólóéhj vaváhej (pajés dos Gavião) o máxo (cigarro, tabaco) era também um elemento essencial pois, ao fumar, o tabaco limpava, abria visão do vaváh para enxergar o zérégòhj. A fumaça que era lançada no ar direcionava ou levava a alma-espírito do vaváh para o lugar que ele desejava visitar. A fumaça do cigarro ia direcionar ou mostrar o zérégòhj para o vaváh. O máxo, somente era utilidade do vaváh. Não podia ser fumado por qualquer um como é costume de hoje. Era consumida com frequência, principalmente em atividades de Vavá Náe (ritual de pajelança). Também o vaváh usava no momento de póá para aliviar a força do espírito que fez mal a pessoa. Então ela também é um suporte para o pajé usar na ocasião de cura.

Ao final, as carnes são consumidas por todos os presentes. O vaváh continua recebendo o seu convidado especial e vai fazendo o seu ritual com ele. Assim ele vai animando a festa para o povo. Ele que é a pessoa que conduz, que lidera a festa. É a referência dos Garpiéhj. Os cuidados e a proteção do povo estão na responsabilidade dele. Não só no momento da festa, mas em todos os momentos da vida das pessoas é ele quem protege.

O Alberto contou que também era realizado o ritual com o espírito da friagem, Xítagéhj Tìh, na ocasião da festa Garpiéhj Náe. Esse ritual era para pedir a ele que faça o rio secar. Pois ele quem suga o rio. Eram consumidos e oferecidos, para ele, os peixes no momento de cerimônia.

Assim que todos os visitantes já vieram participar da festa, já tomaram sua chicha e dançaram como de costume e a festa ia se encerrando. Mas há ainda cantoria

das pessoas de outra aldeia que vieram participar da festa. Era uma forma de elogiar e agradecer o dono da festa. Momento de reconhecimento para o madjaj ficar feliz, satisfeito com o fato de ter conseguido consumir a sua festa. Assim que a chicha se esgotava toda a festa se encerrava definitivamente. O povo caía no sono. No outro dia de manhã era o momento de despedidas. Os convidados iam até o madjaj para se despedir. Diziam que estavam retornando para sua aldeia. O dono da festa respondia, pedindo para ele voltar outra vez para lhe visitar. O convidado se comprometia de voltar novamente. Um por um, as pessoas iam fazendo despedidas. A aldeia outra vez ficava no silêncio. A saudade das pessoas só restou. A festa só ficou na imaginação.

3.4 A Festa e a Organização Social Ikólóéhj

Assim a festa realizada pelo povo Ikólóéhj Gavião não era uma festa realizada de um dia para outro. Como vimos, é um processo muito longo que precisa de muita dedicação para acontecer. Vimos que durante os preparativos ocorrem várias atividades em que era preciso realizar uma pequena festa para trazer as pessoas para fazer o trabalho. A primeira coisa que a pessoa que desejava convocar a festa era preparo da roça. Ele deve roçar as partes mais baixas da floresta para depois derrubar. O próprio dono da roça iniciava a derrubada. Quando a roça estava pela metade ele deixava de derrubar, para as pessoas que ele irá convidar, terminarem de derrubar para ele. O serviço era feito em solidariedade e harmonia. Quando chegava o mês em que a roça deve ser queimada era usada o conhecimento dos seus ancestrais para que a roça se queimasse bem, pois dizem que antigamente um homem era casado com a mulher-urubu e, quando chegava a época de tocar fogo na roça, o pai do urubu fazia ventar para que a roça dela se queimasse bem limpo. Quando caía primeira chuva ou quando chegava o fim da seca, o plantio era realizado. Assim que a roça já estava produzindo, a atividade de colheita acontecia com o pedido do dono, acompanhada da festa. A festa começa a ser divulgada. O madjaj informa para o vaváh que deseja realizar uma festa para os Garpiéhj, os seres espirituais do Garpi, o céu. Ele concorda. O madjaj se auto denomina com outro nome. Escolhe também o nome da sua chicha. Também escolhe seu parceiro (Bapi) de confiança para te ajudar na realização. Ele faz viagem de anúncio da sua festa distribuindo convite juntos com seus parceiros. O convite era feito ao vivo. O diálogo informal é muito demorado. Exige muita sabedoria para levar a conversa. Há muitas encomendas neste momento. Enquanto isso, vaváh, junto com Zagapóhj, o seu guia protetor, fazem suas viagem espiritual para convidarem os seres de outro mundo

levando reivindicação do madjaj. Zav póhj (maloca) começa a ser construída para abrigar os convidados e para por os pilões de armazenamento do ì sòhn (chicha azeda). Esse trabalho também exigia uma festa para ser realizada. Segundo Sorabáh, um dos mais velhos, que presenciou a atividade de construção da maloca, fala que era também preciso acompanhamento do líder religioso, vaváh (pajé), para protegerem os trabalhadores no serviço. O vaváh ficava incorporado com o Íraláh Tìh⁹ (espírito de japú) fazendo simulação deste enquanto a casa estava sendo construída. O íraláh é um pássaro construtor do ninho e por isso ele deve acompanhar a realização de cobertura da maloca para que seja bem feita. O ì sòhn, chicha azeda, começa a ser produzida pouco a pouco para ser consumida nas atividades de preparo. A atividade de preparo de chicha era responsabilidade da mulher do madjaj. Ela que designava outras mulheres para ser matíhréhj dela. As mulheres são responsáveis pelo preparativo da chicha. São elas que buscam xíbòjà (mandioca), mojà (cará), vitíhgà (batata) e ma'eg (milho) da roça. São elas que ajudam na distribuição do ì sòhn quando chegam visitas ou no dia da festa. Elas são pessoas fundamentais para a festa acontecer, pois sem a chicha não haveria festa. Sem elas não há chicha e nem alimentação. Elas também ajudam nos cuidados das pessoas quando elas ficam embriagadas. Seguram os braços dos embriagados para não caírem. Levam para rede para eles dormirem. Elas são consideradas também como espécies de madjaj, pessoas que são ajudantes do dono da festa.

As comunidades de várias aldeias realizam o táhná. Cada dia ou cada semana chegam novas visitas para tomar chicha. Quando a festa está para acontecer, o madjaj, o anfitrião, realiza último aviso aos convidados, que a festa está chegando ao seu auge, e que precisa ser encerrada. É o momento de pessoas se deslocarem da sua aldeia para festa. As pessoas chegam com caças moqueadas e deixa no bekáh, no local onde os dançarinos se arrumam para festa. O vaváh incorporado com o Korkoróh Tìh (espírito do gavião) por quem essa caça foi encomendada, vai até o bekáh para receber o magàhj (carne moqueadas). Vai cantando perguntando um por um se este matou a caça para ele. Junto com ele vão outras pessoas com paneiro para coletar as carnes. O vaváh vai enchendo cada paneiro de carne. Este é trazida para casa para ser consumido pelo Bebeéhj Tìh (espírito dos porcos), Korkoróh Tìh (espírito do gavião) e atirado na ocasião de realizar ritual de repassar as sortes para os caçadores através do espírito do boráhr. O boráhr é uma planta que é utilizada e passada no corpo dos caçadores para dar sorte na caçada ou atrair mais caças. No caso deste ritual o boráhr não é passado no

⁹ Este pássaro é conhecido como Guacho ou Japu, aquele que faz seu ninho pendurado nos galhos das árvores.

corpo e sim o espírito do boráhr é que está presente na festa e tem o significado de transmitir sorte aos caçadores para as caçadas.

Falamos inicialmente que a festa era realizada para que o ano corresse bem. Também era importante convidar, trazer os seres Garpiéhj, os donos de animais, das caças, para festa, para reivindicar deles mais bebeéhj (queixadas) para a aldeia. Mas há algo mais por trás disso. Não era só para isso que a festa era realizada. Era convocada pela pessoa que tinha relacionamento respeitoso e harmônico com seu povo. Quando se sentia só, sentia falta, saudade do seu povo, essa pessoa precisava trazer esse seu povo para visita-lo. Para isso ele criava uma estratégia, convocava e organizava um encontro, uma festa como meio de atração e de reunir as pessoas para fortalecer os laços de união. Assim o povo ficava unido e organizado para vencer obstáculos que viessem em qualquer momento, seja no trabalho ou na guerra. Para isso o madjaj organizava essa festa. A festa, assim, pode ser compreendida como a base de organização social do povo Ikólóéhj. A pessoa que realizava as festas ganhava a confiança do seu povo e se tornava liderança de referência para sua comunidade. A partir disso ele, o madjaj, era bem falado e ganhava respeito.

Era um momento de encontro, de se organizar e criar alianças entre as pessoas e entre estas e os seres espirituais. Deste modo os Ikólóéhj eram organizados. Todos se entendiam harmonicamente. A festa toda é pautada em momentos de reciprocidade. Na festa ocorria a reciprocidade quando os caçadores traziam carnes moqueadas e por sua vez consumiam a chicha do madjaj. Entre os homens e os seres espirituais também ocorria reciprocidade, pois os Garpiéhj doavam as caças para o povo e equilibravam as estações (tempo seco e tempo chuvoso) e em troca recebiam chicha, cantavam e dançavam incorporados no vaváh. Enquanto o vaváh recebia estes “visitantes”, várias canções, que até então eram desconhecidas na comunidade, passavam a ser entoadas por ele, pois eram os próprios Garpiéhj que cantavam através do vaváh. A música é cantada através de uma língua que não é falada na aldeia. Isso comprova que realmente existe sociedade do além. Os seres do mundo sobrenatural.

A festa constituía também um momento de repassar a ética e a educação Ikólóéhj. Era durante a festa que o povo tomava conhecimento sobre os seres espirituais e como devia se relacionar com eles. Participando da festa, percebendo, vendo o que estava acontecendo, é que o pessoal ia adquirindo conhecimento sobre os Tìh, que existe Tìh da natureza e da sobrenatureza. É a partir disso que as pessoas aprendiam a respeitar os Tìh. Os Tìh são os donos das coisas como, por exemplo, o Djàvpè Tìh. Djàvpè é a taboca utilizada para fazer a ponta da flecha, o Djàvpè Tìh é o ser dono desta

taboca. Para coletar as tabocas a fim de confeccionar flecha é preciso comunicar o vaváh para que este peça autorização ao dono do djàvpè que é o Djàvpè Tìh. Da mesma forma, na festa do Garpiéhj Náe, é o vaváh quem convida e traz os donos das criações para reivindicar a caça para o povo e criar parceria e aliança com eles. “O Tìh está presente em tudo na natureza, nas florestas, nas águas, no céu, e nas árvores” (SÉHVBIRÓHV, 2014).

Figura 11 - Vása Séhv (à esquerda) e Antonio Alía em uma festa realizada em 2005.



Fonte: Lediane Fani Felzke. Aldeia Ikólóehj. Abril/2005.

As pessoas aprendem que quando se danifica a natureza está se danificando a casa dos Tìh, por exemplo, quando os seres humanos constroem uma barragem está sendo destruída a casa do Gojánéhj que é o dono das águas; quando se derruba a floresta está se destruindo a casa do Zagapóhj que é o dono das matas. (SÉHVBIRÓHV, 2014)

Muitas vezes os indígenas são questionados que tem muita terra, mas as pessoas que dizem isso não se aprofundam nesse tipo de conhecimento. Temos que entender porque nós indígenas precisamos de muita floresta, muita terra. A floresta é a nossa inspiração. Existe necessidade de ter tudo isso porque nossa vida esta ligada nela. Acreditamos no Tìh da floresta, da água e precisamos preservar o abrigo desses Tìh, para não acabarmos com esses seres que são nossos parceiros e com quem vivemos interligados. Nós não estamos sozinhos aqui na terra, temos ligação com esses seres que podem nos ajudar enviando caça, nos proteger de outros espíritos e assim por diante. Até criamos casamento entre os seres sobrenaturais e os homens. Um exemplo é o do

vaváh Xípo Ségóhv que formou família com uma mulher Olixixia, ser espiritual, ora visível, ora invisível, que protege o povo Ikólóehj Gavião do ataque de outros seres espirituais como os Zerebajéhj, que os Ikólóehj acreditavam que eram outros povos que se transformavam em um ser espiritual do mal. Segundo Antônio Alía,

Isso acontecia antigamente. Mas isso também acontece atualmente. Ontem mesmo, assoviavam os *evòréhj* [espíritos aliados do vaváh], mas a gente não sabe o que está acontecendo, somente as pessoas que entendem sabem o que está acontecendo. (Alía, 2015).

Atualmente não há vaváhej que podem realizar a festa Garpiéhj Née entre os Ikólóehj Gavião. Por isso, acredito que seja possível que o contato com esses seres enfraqueceu prejudicando, desta forma, a aliança entre os Garpiéhj e os Ikólóehj. No entanto, é necessário aprofundar uma pesquisa sobre isso para afirmar com certeza. Um dos motivos que acredito ter levado ao enfraquecimento desta aliança com os Garpiéhj é a influência de uma religião externa, o cristianismo, que tomou o espaço da religião Ikólóehj que antes era praticada com frequência e hoje é praticada raramente. O ensinamento dos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil considerou essa prática do vaváh como um trabalho maligno. Os seres espirituais Ikólóehj são desprezados e demonizados nas pregações da igreja. Atualmente o vaváh não exerce abertamente suas funções por causa do desprezo que sofre por parte da comunidade que se converteu a esta religião externa.

Esta religião ao invés de estimular a união da comunidade para o fortalecimento da sua organização social, que era o papel das festas, leva ao individualismo e a divisão do povo. As pessoas comuns, que não se convertem, são criticados pelo grupo. A festa do Garpiéhj Née, pelo contrário, procurava unir a maior quantidade de pessoas possível onde ninguém era desvalorizado e excluído. Desta maneira a união do povo e a luta pela sobrevivência era mais forte e as práticas culturais eram mais preservadas. A luta pela terra era mínima para o povo. Nos dias atuais o povo Ikólóehj não tem mais o mesmo Tih que eles tinham no passado, as forças, o espírito guerreiro que seus ancestrais possuíam. Até mesmo os Zavidjajéhj, as lideranças tradicionais tem, cada vez mais, se aproximado da igreja. A igreja na aldeia por um lado pode ser prejudicial para a extinção da identidade cultural do povo Ikólóehj se ela não der espaço para a promoção deste tipo de festa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição da festa e a análise que fiz em seguida mostram como os Ikólóehj eram mais organizados na época em que haviam as festas. Quando meu povo convocava e realizava festas demonstrava que havia harmonia e respeito entre as pessoas. Eles viviam bem. Para fazer os trabalhos coletivos era preciso trazer pessoas pra a aldeia. E as pessoas vinham. Isso demonstra que a comunidade tinha laços muito fortes de reciprocidade. Havia união entre as famílias que se ajudavam.

Quando a festa era feita isso garantia a continuidade da organização do povo Ikólóehj, ficando mais forte. Isso também garantia a reafirmação da identidade, aquilo que somos. Garantia também a parceria e aliança com os seres do além. Já que esta festa era dos seres do Garpi, o momento em que os seres espirituais chegavam à aldeia. Também marca a exclusividade do povo Ikólóehj, somente meu povo sabe realizá-la. Isso nos diferenciava dos povos vizinhos.

Também era um momento de aprendizagem para que os jovens futuramente pudessem reproduzir os rituais, os cantos, as danças e tudo o mais que for realizado na festa. Assim, essas práticas de realização da festa continuariam existindo.

Essa festa também é um momento de fortalecer a aliança com o mundo espiritual. É o momento em que o vaváh entra em contato com os seres espirituais que nos protegem e protegem o mundo natural ao nosso redor.

Atualmente esta festa não é praticada pela comunidade devido ao enfraquecimento do vaváh. Ele é a figura principal, sem ele não pode haver Garpiéhj Née. Somente ele que comunicava com seres espirituais do além. Hoje não há interesse do vaváh em realizá-la. Acredito que isso ocorre por influência de uma religião externa que atua na comunidade. No entanto, seria necessária uma pesquisa mais detalhada sobre isso para afirmar com certeza.

Além disso, o contato com a sociedade envolvente provocou um individualismo na comunidade. Isso também pode ser considerado um fator que prejudicou a união do povo. A festa era a base para unificar as pessoas, depois que os Ikólóehj entraram em contato com a sociedade não indígena, aos poucos os trabalhos coletivos foram substituídos pelos trabalhos individuais. Hoje estamos dentro de uma sociedade que exige um trabalho que dê retorno financeiro para as pessoas sobreviverem.

A união de antigamente foi revertida para as festas da igreja. No entanto essa é uma união que despreza a forma antiga de festejar. Esse é o lado ruim da influência da religião externa. Diante disso, penso que a festa Garpiéhj Née permanecerá viva apenas na memória e no texto escrito e que a ligação dos Ikólóéhj com os seres espirituais do Garpi corre o risco de ser desligada, como se o zérégòhj fosse definitivamente rompido.

GLOSSÁRIO

Ado:	paneiro
Akabíh:	pilão
Alía	nome do pajé Gavião, colaborador da pesquisa
amóa sábéh:	desenho da casca do jabuti
Amóa Tìh:	espírito do jabuti
Ávádúhr, Ávbír e Ávti'á	nome de cada flauta: a primeira, a do meio e a última
Bajàe:	festa de derrubada
Bajkerev tìgìv:	desenho da cobra bico de jaca
Bákóhvà Tìh:	espírito do coruja
Bapi:	parceiro do madjaj
Básev pov:	as folhas de babaçu utilizadas como calendário para saber o dia exato da festa
Bebeéhj Tìh:	espírito dos porcos queixadas
Bebeéhj:	porcos
Bekâh:	local provisório onde os convidados se arrumavam para a festa
Béréva:	terreiro
Bòhl:	caças moqueadas para ocasião da Garpiéhj Née
Boráhr Tìh:	espírito das plantas da sorte
Boráhr:	planta que dá sorte para caçador
Díbáh:	um inseto
Díbè:	entrecasca de árvore usada para amarrações; envira
Djàvpè Tìh:	Espírito da taboca utilizada para fazer ponta de flecha
Djàvpè:	taboca utilizada para fazer ponta de flecha
Djókángáv:	murici
Dzaria-ti:	nome do homem Gavião que viu galho cortado com facão pela primeira vez.
Ga kajàe:	plantação da roça
Gáhrà:	tronco erguido na ocasião da festa para representar o dono espiritual dos porcos
Garpi	céu
Garpi Xìhgùr Xi /	nome de chicha de uma festa
Garpi Xìhgà Xi	
Garpiéhj Née:	festa dos espíritos dos céus
Garpiéhj:	seres espirituais do céu
Garpináe:	festa do céu
Gávo:	estação seca
Gere:	acampar alguns dias na mata para caçar
Goján:	o dono da água
Gojánéhj:	espíritos das águas
Gojbíhr Tìh:	espírito do marimbondo
Gorá:	Criador, Deus
Gov Akae:	matança de animal de criação
Govéhj Pòhv	nome de um madjaj
ì sòhn:	chicha azeda, fermentada
I:	bebida típica, chicha feita de cará, mandioca, milho, batata
íbaj séhv:	palha de buriti

Ibíhr TunTun:	espírito de pássaros de igarapézinho
Ikájà:	chicha doce, sem fermentar
Ikólóéhj:	como o povo se nomeia; gaviões
Íraláh Tìh:	espírito do japú
Ixía Áhv:	nome da índia Gavião, viúva de Moisés Gavião
Ixía Népo Tóhr:	nome de uma aldeia no Garpi
Ixía Tìh:	espírito da pedra
Javà Tìhg	banco pintado
Korkoróh Tìh:	espírito do gavião
ma'eg másáe:	colheita de milho
ma'eg:	milho
Madaborà:	chicha sem coar
Madjaj:	dono da festa
Magàhj:	Carnes assadas e moqueadas
Magòhv:	carne pilada
Majakóh Tìh:	espírito do urubu
Majakóh Tìh:	espírito de urubu
makáhv ígíe:	colheita de amendoim
Matíhréhj:	mulheres que ajudavam na preparação da chicha
Máxo:	cigarro
Mazòhj:	desenho do casco do tatu
Mojà:	cará
Nekó Tìhg:	banco pintado em forma de onça
Nepoáhv:	fibras de cipó
Noepe:	nome do índio arara
Olixixiaej:	homens espíritos
Padág:	nome do índio Gavião, colaborador da pesquisa
Papá:	papai
Pasav Kókúhv ígí	nome de uma festa de construção de maloca
áleá:	
pasav sev:	palha do babaçu
Pazov Gorá:	Nosso pai, o Criador
Pò éhj Tìh:	espíritos dos bichos
Póá:	ritual de assoprar fumaça de tabaco
Pókúhj Náe:	festa do fogo
Séhv bíróhv:	nome do cacique dos Gavião
Sorabáh; Tsorabá	nome de liderança tradicional, Chiquito Sorabáh Gavião
Tagáhv:	trancos de sumaúma cortados horizontalmente para armazenamento da chicha
táhná máhej:	as pessoas que antecipam a festa
Táhná:	pequena festa que ocorre durante a preparação da grande festa
Tìh:	espírito
Tìhn:	nome de herói, matador Gavião
Tortoráv:	instrumentos musicais feitos com bambu, flautas
Turtúhr Tápóh:	cipó titica
Turtúhr:	ser mitológico
Vajáhej:	nambus
Vása Séhv:	nome de índio Gavião, colaborador da pesquisa
Vaváh, vaváhej:	pajé, pajés
Vitíguréhj:	batateiros ou povo da batata, se referindo ao povo Arara
Vitíhgà:	batata
Xapí:	nome do índio Gavião, colaborador da pesquisa

Xibòjà:	mandioca
Xikov Pí Pòhv:	nome de liderança tradicional
Xípo Ségóhv	nome do pajé Gavião
Xipóhléhj Náe:	festa de lontras
Xítagéhj Tìh:	espírito da friagem
xívxívá méne tígí:	dar de mamar
Zagapóhj:	guia protetor do pajé
Zápè Ádóh:	Ipê em pé
Zav Ma'áe:	construção de maloca, ou outras casas
zav póhj:	maloca
Zavidjaj,	liderança tradicional, lideranças tradicionais
Zavidjajéhj:	
Zérégòhj:	linha invisível que interliga o gáhrà do Garpi ao gáhrà da aldeia ou caminho invisível que interliga o vaváh com seres espirituais

REFERÊNCIAS

- ALÍA, Antonio Gavião. Entrevista concedida a Lediane Fani Felzke em janeiro de 2015.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Org. Celso Castro. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo, Ed. UNESP, 1998.
- DA MATTA, Roberto. O trabalho de campo como um rito de passagem. In: **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- FELZKE, Lediane Fani. **Quando os ouriços começam a cair: a coleta da castanha entre os Gavião de Rondônia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MINDLIN, Betty; TSORABÁ, Digüt; SEBIROP, Catarino. **Couro dos Espíritos: namoro, pajés e cura entre os índios Gavião Ikolen de Rondônia**. São Paulo: SENAC; Terceiro Nome, 2001.
- PADÁG, Alberto Gavião. Entrevista concedida a Iram Káv Sona e Lediane Fani Felzke em 01 de novembro de 2013.
- PADÁG, Alberto Gavião. Entrevista concedida a Iram Káv Sona e Lediane Fani Felzke em 16 de novembro de 2014.
- RIBEIRO, Berta. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- SÉHVIRÓHV, Catarino. Entrevista concedida a Iram Káv Sona sobre a retirada dos invasores da Terra Indígena Igarapé Lourdes. 2012.

SÉHVBIROHV, Catarino. Entrevista concedida a Lediane Fani Felzke sobre a festa Garpiéhj Nae em 13 de outubro de 2014.

SORABÁH, Chiquito. Entrevista concedida a Iram Káv Sona em julho de 2013.

VASA SÉHV, Valtorino Gavião. Entrevista concedida a Iram Káv Sona em setembro de 2014.

XAPÍ, Chapinha Gavião. Entrevista concedida a Iram Káv Sona em 17 de novembro de 2013.